



+ faveta galeria +
arte e ativismo no espaço urbano periférico

favela galeria

arte e ativismo no espaço urbano periférico

Talita Damasceno Cavalcante Félix

Universidade de São Paulo
Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU-USP)
Trabalho de Graduação Integrado

comissão de acompanhamento permanente (cap)

Aline Coelho Sanches (orientadora)
Joubert José Lancha
Luciana Schenk
Paulo Cesar Castral

coordenador do grupo temático (gt)

David Moreno Sperling

São Carlos , 2025

ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, DESDE QUE CITADA A FONTE E RESPEITANDO A LICENÇA CREATIVE COMMONS INDICADA

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Félix , Talita
Favela Galeria: arte e ativismo no espaço urbano periférico / Talita Félix . -- São Carlos, 2025.
83 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2025.

1. Favela . 2. São Mateus em Movimento . 3. Parque linear . 4. Grafite . 5. Vila Flávia . I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sigolo - CRB - 8/8229



Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual-CC BY-NC-AS

favela galeria

arte e ativismo no espaço urbano periférico

Talita Damasceno Cavalcante Félix

Banca Examinadora

Aline Coelho Sanches
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo (IAU-USP)

David Moreno Sperling
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo (IAU-USP)

meus sinceros **agradecimentos**



Aos meus orientadores, Aline e David, pela escuta atenta, o conhecimento transmitido e a paciência de caminharem comigo ao longo desta jornada.

Aos meus pais, Mary Vanda e George, pelo apoio incondicional e aos meus familiares, pelo carinho e incentivo.

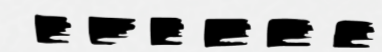
Ao Daniel, por ser meu porto seguro.

Aos meus colegas de graduação, especialmente Vinícius, Giovana, Joyce, Mariana, Maria Clara, Vitória e William, por tornarem a caminhada mais leve e divertida.

À Vitória, por ser a melhor amiga do mundo.

Aos meus amigos do Piauí, por me lembrarem sempre o que é casa.

E, por fim, a todos os moradores da Vila Flávia: este trabalho é, acima de tudo, dedicado a vocês.



sumário



01	INTRODUÇÃO	cidade e periferia	14
		porque a periferia faz arte?	18
		vila flávia: arte e ativismo	22
		o grafite, a cidade e a comunidade	30
		referências projetuais	38
02	LEITURAS	cartografias gerais	42
		córrego cangueiras	50
		mapeamento de sociabilidades	64
		pontos, linhas e superfícies	74
03	DIRETRIZES	diretrizes gerais	88
		sobre remoções	94
04	PROJETO	escalas de intervenção	100
		processos projetuais	104
		nascente	114
		percurso	130
		comunidade	142
		aspectos gerais	154
		referências	160



figura 1 Ação de dia das crianças na Vila Flávia
Foto de Gabriele Helena





01

INTRODUÇÃO

cidade e periferia	14
porque a periferia faz arte?	18
vila flávia: arte e ativismo	22
o grafite, a cidade e a comunidade	30
referências projetuais	38



1.1. CIDADE E PERIFERIA

✘ Entende-se aqui por periféricos bairros [...] habitados predominantemente por trabalhadores mal remunerados, população negra e nordestina, e marcados por culturas que refletem também o status de desigualdades urbanas estruturais herdadas de um padrão periférico de crescimento predominante entre os anos 1950–1990. [...] Continuidades como a predominância da autoconstrução de moradias; dificuldades em manter áreas verdes e de lazer preservadas para uso público de sua população; oferta insuficiente de trabalho no próprio território; abandono de grupos culturais locais à sua própria sorte; transporte público lotado e de baixa qualidade [...]; dificuldade no acesso a equipamentos de saúde e educação de qualidade. (Sousa, 2021, p. 255).

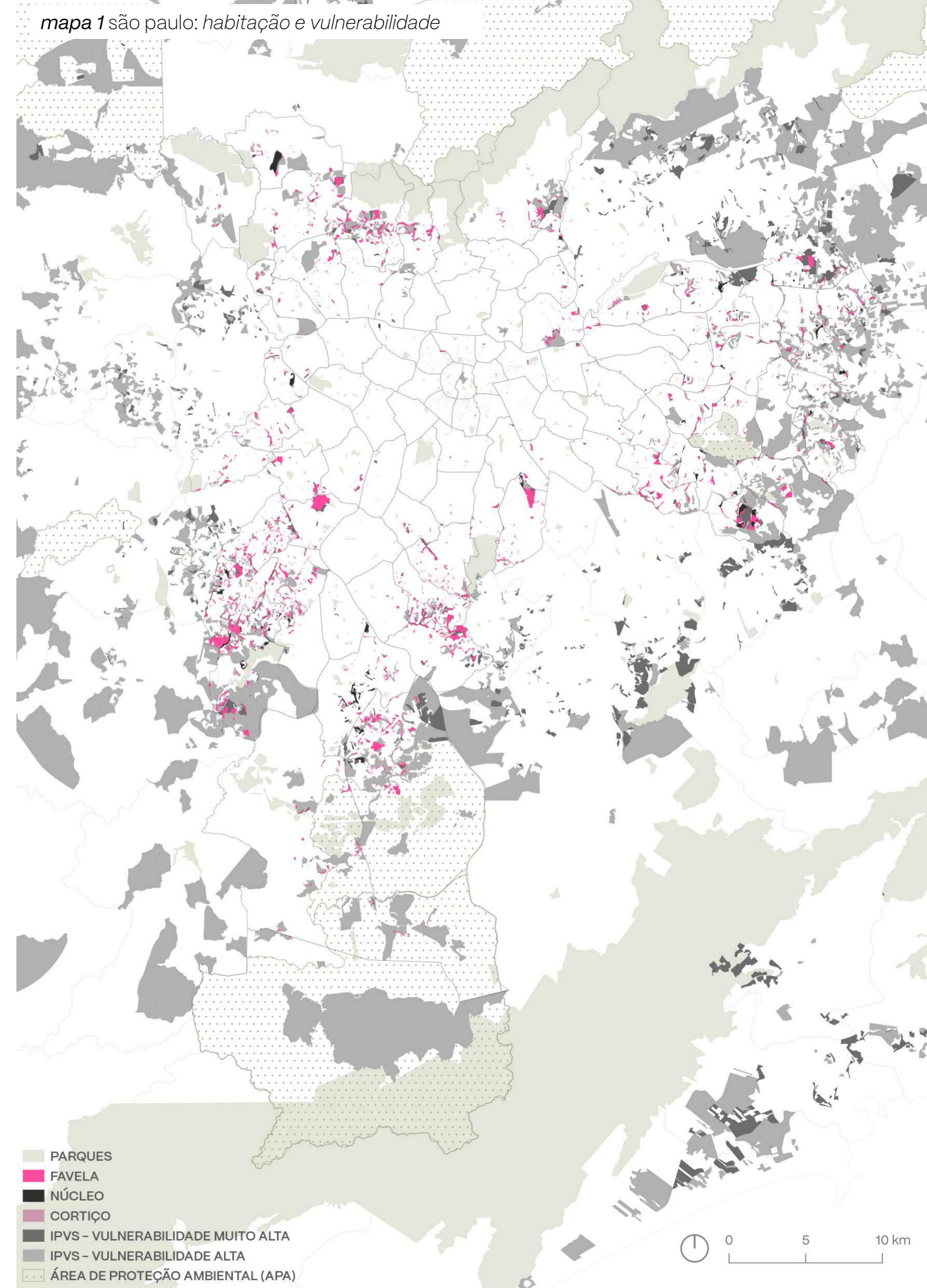
Essa é a definição que o historiador Adriano Sousa¹, em sua dissertação de mestrado "Cotidiano e Lutas Sociais na Periferia de São Paulo: Agentes Históricas da Urbanização em São Mateus", elabora, através de entrevistas e relatos de moradores da região para os chamados **bairros periféricos**, elencando fatores que vem desde a formação morfológica urbana até fatores de contexto social e político.

O significado etimológico da palavra periferia reforça a sua definição mais comum, como algo que rodeia um determinado centro. Todavia, com o desenvolvimento cada vez mais acelerado das cidades, o espaço urbano sofre processos contínuos de mudança, criando novas hierarquias e lógicas de funcionamento a cada dia. Segundo uma pesquisa elaborada pelo grupo NEV-USP², em uma cidade como São Paulo, que possui mais de oito padrões de urbanização diferentes e que têm lógicas de hierarquia urbana que se tornam mais complexas a cada dia, já não faz mais sentido utilizar apenas a divisão centro-periferia.

De fato, os bairros da cidade de São Paulo outrora considerados periféricos possuem dinâmicas complexas de funcionamento, não mais obedecendo a lógica hierárquica imposta a esses locais em seus processos de formação do século XX.

[1] SOUSA, A. J. Cotidiano e Lutas Sociais na Periferia de São Paulo: Agentes Históricas da Urbanização de São Mateus. USP. São Paulo, 2021.
[2] G1. Estudo da USP diz que classificação centro e periferia é ultrapassada e identifica 8 novos padrões urbanísticos em SP. G1 São Paulo, 2019.

mapa 1 são paulo: habitação e vulnerabilidade



Mas afinal, **o que de fato diferencia a cidade da periferia?** Para a ativista social Eliana Sousa Silva³, o que diferencia a cidade da periferia é justamente o alcance das ações do Estado, que parecem demorar muito mais tempo para chegar nesses locais do que nos grandes centros, muitas das vezes nem alcançando esses espaços.

É importante, quando a gente está falando de periferia, entender que são regiões da cidade onde as políticas públicas chegam em tempos distintos de outras regiões da cidade. São áreas em que, muitas vezes, o poder público não chega da maneira que chega em outras (SILVA, 2022).

Este trabalho não tem como objetivo buscar uma resposta final para essa questão, mas sim chamar a atenção para aspectos que surgem no contexto periférico brasileiro principalmente a partir de meados do século XX: **a produção artística e o ativismo social.** ✕

São inúmeras as dimensões que permeiam a arte eferescente periférica. Hélio Oiticica, em seus famosos 'Parangolés' (1964–1979), transcendeu as noções tradicionais do fazer artístico de sua época, buscando incorporar a verdadeira essência das favelas em um jogo de obras, corpos e sentidos. Dentre as questões abordadas por Oiticica, é de especial interesse compreender as forma com o artista incorporou as dinâmicas sociais do espaço periférico e a dimensão territorial dentro-fora dos espaços públicos e privados na perifeira⁴.

Na arquitetura da 'favela', p.ex., está implícito um caráter do Parangolé, tal a organicidade estrutural entre os elementos que o constituem e a circulação interna e o desmembramento externo dessas construções, não há passagens bruscas do 'quarto' para a 'sala' ou 'cozinha', mas o essencial que define cada parte que se liga à outra em continuidade (OITICICA, 1966).

[3] Jornal da USP. Periferias são regiões da cidade onde as políticas públicas chegam em tempos diferentes., 2022.
[4] MAM RIO. Acervo digital. Parangolés (1964–1979). Hélio Oiticica.



figura 2 Nildo da Mangueira vestindo P 15 Parangolé capa 11 – Incorporo a revolta (1967), de Hélio Oiticica. Foto de Claudio Oiticica.

A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.

A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula.

[...]

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

[...]

A Periferia unida, no centro de todas as coisas.

Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala.

Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala.

É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que armado da verdade, por si só exercita a revolução.

Contra a arte domingueira que defeca em nossa sala e nos hipnotiza no colo da poltrona.
 Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural.
 Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado.
 Contra o capital que ignora o interior a favor do exterior. Miami pra eles? "Me ame pra nós!".
 Contra os carrascos e as vítimas do sistema.
 Contra os covardes e eruditos de aquário.
 Contra o artista serviçal escravo da vaidade.
 Contra os vampiros das verbas públicas e arte privada.
 A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor.

VAZ, Sérgio. Manifesto da Antropofagia Periférica. São Paulo: Boitempo, 2003.

1.2. PORQUE A PERIFERIA FAZ ARTE?

Em seu texto 'Porque a periferia foi fazer arte?'⁵, o sociólogo Tiarajú D'Andrea analisa como as questões que permearam o contexto político brasileiro das décadas de 1980 e 1990 culminaram em um aumento da produção artística nos bairros mais empobrecidos. Para ele, a arte surge nesses bairros como um mecanismo que pode trabalhar em diversos âmbitos: melhorando a autoestima da população, servindo como um meio de denúncia e participação política ou até mesmo como uma alternativa de renda.

Desde o início dos anos 1980, o processo de intensa produção artística nesses locais culminou em um lento processo de resignificação do sentido comumente atribuído a palavra periferia. Esse movimento também converge no início de uma movimentação desses moradores em se organizar politicamente em movimentos sociais e luta ativamente para que suas reivindicações fossem escutadas pelo poder público (ALMEIDA, 2011)⁶.

✘ Para esses coletivos que produzem arte periférica não há arte pela arte. Ela torna-se ação política à medida que, nas suas práticas, não se pode produzi-la sem relacioná-la à sua inserção social, ao seu "jeito de estar no mundo", à sua identidade. A arte não está em um plano etéreo ou num campo teológico, pura, nos termos utilizados por Walter Benjamin, mas inserida nas experiências de vida de seus produtores (ALMEIDA, 2011).

Assim, o movimento hip hop, os grupos de rap, as produções literárias da chamada "literatura marginal" e os movimentos artísticos que surgem no contexto das periferias brasileiras no início da década 1990 convergem em um objetivo comum que transcende o conceito da *arte pela arte*: a **denúncia social**. São inúmeras letras, poesias e obras de arte que retratam as dificuldades e enfrentamentos do ser periférico em meio a realidade de marginalização.

[5] D'ANDREA, Tiarajú. Por que a periferia foi fazer arte? Revista ZUM, São Paulo, 2018.

[6] ALMEIDA, R. Cultura de periferia na periferia. Revista Metrópole, edição 49. São Paulo, 2011.

Para Renato Almeida, a apropriação da palavra periferia por esse grupos artísticos e coletivos proporciona ainda uma nova dimensão de significados, ultrapassando o sentido de relação geográfica entre territórios:

✘ Periferia assume um conjunto de representações simbólicas que congrega aspectos relacionados à classe, à etnia, ao lugar de moradia e à condição de jovem na metrópole. Para esses grupos, tornou-se uma espécie de categoria social capaz de dar conta de alguns **cruzamentos identitários assumidos na vivência de sua condição** (ALMEIDA, 2011).

Renato Souza destaca ainda outro aspecto central que permeia a produção artística periférica: a **coletividade**.

Os artistas dificilmente atuam de forma isolada, estando sempre se associando a um grupo ou coletivo que busca trabalhar de forma conjunta pela comunidade em que estão inseridos em busca de uma cidadania cultural.

Equilibrado num barranco, um cômodo mal acabado e sujo

Porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio

Um cheiro horrível de esgoto no quintal

Por cima ou por baixo, se chover será fatal

Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou

Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou

Homem na Estrada (Racionais MC's, 1993)

Este lugar é um pesadelo periférico

Fica no pico numérico de população

De dia a pivetada a caminho da escola

À noite vão dormir enquanto os manos "decola"

[...]

Muita pobreza, estoura violência!

Nossa raça está morrendo

Não me diga que está tudo bem!

Periferia é periferia (Em qualquer lugar)

(Racionais MC's, 1994)

O Estado vai tremer quando bater com a força do povo

[...]

Pra todos aqueles que sonham com o mínimo de decência

Educação, moradia, segurança, saúde, sem carência!

Ação Contra o Estado

(Rima Fatal da Leste, 1999)

RACIONAIS MC'S. O Homem na Estrada. São Paulo: Cosa Nostra, 1993.

RACIONAIS MC'S. Periferia é Periferia. São Paulo: Cosa Nostra, 1994.

RIMA FATAL DA LESTE. Ação Contra o Estado. São Paulo. 1999.



figura 3 Edificação na Vila Flávia.
Foto de Luan Kalil / Expresso na Periferia

1.3. VILA FLÁVIA: ARTE E ATIVISMO

A Vila Flávia, região de interesse desse projeto, foi um dos bairros periféricos da Zona Leste de São Paulo que teve sua história marcada por uma série de grupos e coletivos artísticos que começaram a surgir em suas ruas em meados da década de 1990.

No lugar de detalhar certos processos de formação desse território, que se alinham com a história de praticamente toda a região periférica da zona leste da capital paulista, dou prioridade em contar um pouco da história de Fernando Carvalho, mais conhecido como **X Negotinho**, um dos principais articuladores culturais de região e quem me guiou no mapeamento do território da Vila Flávia.

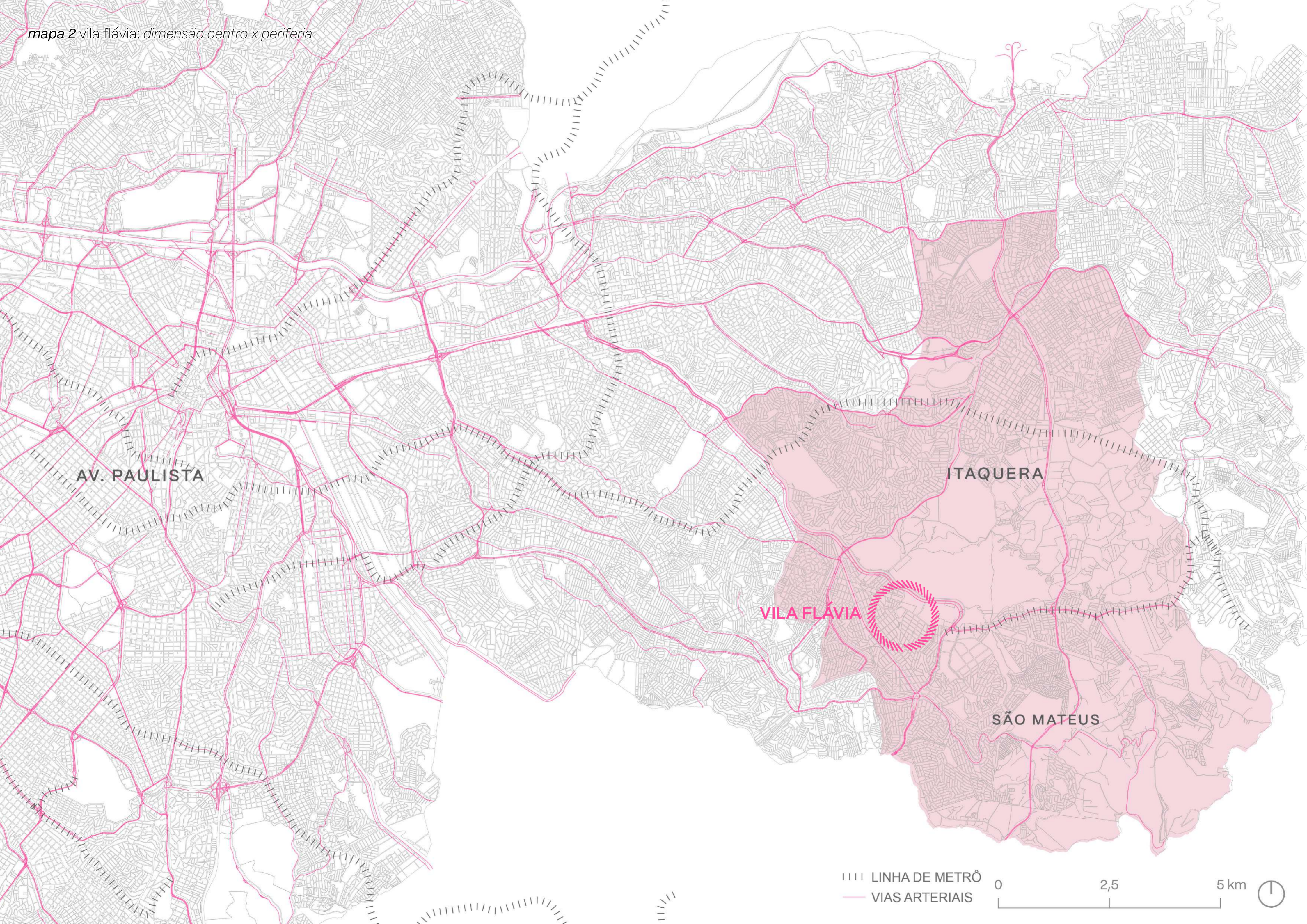
Negotinho nasceu no bairro de Vila Nova Cachoeirinha, na zona norte da cidade, mas se mudou para a Vila Flávia quando tinha um ano de idade. Foi criado pela mãe, Dona Vera, que já trabalhou na metalurgia e atualmente é dona de um brechó e trabalha como diarista. Com 18 anos se forma em **capoeira** e assim começa a dar aulas gratuitas para as crianças da comunidade na mesma escola onde anos antes tinha sido expulso, através do projeto Escola da Família.

Em uma entrevista para o CPDOC Guaianás, Negotinho relata que alguns professores chegaram a se emocionar ao encontrá-lo dando aula, já que no início dos anos 1990 a Vila Flávia era um local muito marcado pela criminalidade e pelos chamados grupos de extermínio, que acabavam tirando a vida de muitos jovens.

Negotinho já fazia parte de um grupo musical de rap desde seus 15 anos, e aos 20 dava aulas de capoeira na laje da casa de Dona Vera e fazia parte do grupo musical Rima Fatal da Leste. A partir do lançamento da música "Ação Contra o Estado", em 1999, Negotinho sentiu que suas ações ainda não eram suficientes: "A gente estava cantando e não estava sentindo o efeito, principalmente no próprio território. Então, tive a ideia de começar a materializar a nossa própria música".

Assim, a partir do início dos anos 2000, Negotinho passou a se engajar na realização de mais atividades em prol da comunidade sem deixar de dar continuidade a sua produção musical, passando a articular diferentes grupos sociais e artísticos da região, que aos poucos começava a se consolidar como um polo cultural.

mapa 2 vila flávia: dimensão centro x periferia



AV. PAULISTA

VILA FLÁVIA

ITAQUERA

SÃO MATEUS

---- LINHA DE METRÔ
— VIAS ARTERIAIS

0 2,5 5 km



Depois quase 10 anos realizando atividades em prol da comunidade, em 2007 finalmente é inaugurado o Espaço São Mateus em Movimento, com sua sede na casa construída por Dona Vera como herança para seus filhos.

A iniciativa é resultado da associação do grupo musical de Negotinho e o coletivo de grafiteiros OPNI, que se uniram em prol a iniciativa de criar um espaço dedicado inteiramente para a comunidade da Vila Flávia. Para sua inauguração do espaço foram realizadas uma série de obras de grafites nos muros da vizinhança, o que acabou materializando a chamada "Favela Galeria", que só foi oficialmente batizada no ano seguinte.

Atualmente, o São Mateus em Movimento se mantém com editais públicos, doações e parcerias, realizando diversas atividades voltadas para a comunidade de forma diária. No espaço são realizadas aulas de informática, capoeira, música e artesanato, além de promoverem eventos gratuitos para o comunidade com apresentações musicais, comidas e brinquedos para as crianças. Negotinho comenta sobre a felicidade de acompanhar os jovens que passaram pelo espaço e assim perceber sua contribuição:

Hoje, a gente pode falar que não somos professores do mundo acadêmico, mas a gente dá aula de vivência mesmo na prática para professor de universidade. A rua te ensina o respeito e com o respeito você faz tudo.



figura 4 Fernando Carvalho, o Negotinho
Foto de Matheus Oliveira/Agência Mural



figura 5 Sede do São Mateus em Movimento
Foto retirada pela autora



1995

RIMA FATAL DA LESTE

Surgindo praticamente no mesmo contexto do Grupo OPNI, em meados dos anos 1990, o grupo musical Rima Fatal da Leste é formado pela dupla Sesé e Negotinho, um dos principais articuladores culturais da Vila Flávia. O grupo surge como um representante do rap nacional na periferia da zona leste de São Paulo, ganhando notoriedade com a sua participação na coletânea Expressão das Ruas Vol. 2 com as músicas "Tá Tudo Errado" e "Eu Peço Paz". Em 2012 lançam o videoclipe da música "Ação Contra o Estado", gravado nas ruas da Vila Flávia, que retrata a revolta da população contra a postura ausente do governo em relação à periferia. Com quase 80 mil visualizações no Youtube, o videoclipe gravado a mais de 10 anos atrás é um registro precioso da vivência da região e do constante engajamento da população de todas as idades com a produção artística, traço que permanece presente até os dias de hoje.

O Grupo OPNI é criado em 1997, como um coletivo composto por cerca de 20 jovens da região de São Mateus, mas atualmente realiza trabalhos com artistas do mundo todo. Segundo Toddy e Val, membros fundadores do grupo, a sigla 'OPNI' originalmente significou 'Objetos Pixadores Não Identificados', mas também já foi 'Os Policiais Nos Incomodam' e 'Os Prezados Nada Importantes'. Atualmente, a sigla se mantém como um grito de guerra, que representa a voz da periferia.

O Grupo tem foco em representar a realidade da periferia através das artes visuais, principalmente do grafite. Com um trabalho de mais de 20 anos, o coletivo já realizou incontáveis trabalhos, dentre eles uma participação na 1ª Bienal Internacional Graffiti Fine Art no MUBE (2010); uma interpretação dos painéis "Guerra e Paz", de Cândido Portinari, no encerramento da exposição em São Paulo (2012); realizou uma parceria com a Nike, costumizando um tênis (2013) e foi convidado para representar o graffiti brasileiro no 45º "New Orleans Jazz & Heritage Festival", nos Estados Unidos (2014).

GRUPO OPNI

1997



2007

SÃO MATEUS EM MOVIMENTO

O Espaço Cultural São Mateus em Movimento é resultado da união entre membros do coletivo OPNI e do grupo musical Rima Fatal da Leste, que passam a utilizar parte da casa de Negotinho para a realização das atividades comunitárias que já eram organizadas por eles no bairro desde o início dos anos 2000. Negotinho relata que o espaço é criado como uma forma de protesto, pois "aqui na Vila Flávia não tem praça, não tem quadra e não tinha um ponto de cultura". O São Mateus em Movimento surge com uma raiz no hip hop e na capoeira e atualmente realiza uma série de atividades voltadas para a comunidade, como aulas de capoeira, informática, música, artesanato e leitura. Além disso, também participam da organização de eventos culturais para a comunidade, arrecadação de doações e possuem a biblioteca aberta com mais de 500 livros, sendo um espaço voltado para a transformação de seu território através da cultura. Mais de 1.200 jovens e crianças passaram pelo São Mateus em Movimento em seus quase 20 anos de funcionamento e suas atividades como ponto de cultura impactam diretamente a vida de mais de seis mil pessoas da região da Vila Flávia.

figura 6 Rima fatal de Leste

Fonte: Palco MP3

figura 7 Grupo OPNI em atividade

Fonte: Rede Brasil Atual

figura 8 Sede do São Mateus em Movimento.

Foto retirada pela autora

figura 9 Espaço da Favela Galeria

Fonte: Estadão

Favela Galeria é a denominação escolhida pelos artistas do Grupo OPNI para o conjunto de grafites que existem nos muros da Vila Flávia. O movimento de realizar grafites pelo bairro se iniciou junto com o grupo no fim da década de 1990, mas é só no ano de 2008 que a denominação surge oficialmente, já que uma série de obras tinham sido realizadas nas ruas para a inauguração do Espaço São Mateus em Movimento no ano anterior. Atualmente a galeria conta com mais de 3 quilômetros de intervenções artísticas e mais de 200 obras, sendo considerada uma das maiores galerias de arte a céu aberto do mundo.

#FAVELA GALERIA

2008



1.4. O GRAFITE, A CIDADE E A COMUNIDADE

A arte urbana, e em especial o grafite, tem se consolidado como poderosa ferramenta de intervenção e ressignificação do espaço nas favelas brasileiras. Ao ocupar espaço urbano com imagens que dialogam diretamente com a vivência local, o grafite não apenas colore o tecido urbano, mas também questiona estigmas e cria novos imaginários para quem ali habita. Autores como Nícolas Novaes (2018) apontam que essas intervenções atuam como "práticas culturais performativas", capazes de engajar a comunidade em processos de coautoria do próprio território e de "re-escrever a política do cotidiano".

No caso da **Favela Galeria**, na Vila Flávia, essa lógica de transformação se materializa em mais de três quilômetros de murais que narram o dia a dia, a identidade e as esperanças dos moradores. Para os grafiteiros pioneiros, Toddy e Val Opni, e para lideranças atuais como Gleyson Klein, "o objetivo é gerar impacto, ecoar olhares diferentes para a própria existência e **resgatar a autoestima dos moradores**, entre eles jovens grafiteiros que começam a se expressar nas vielas, nos arredores dos córregos, nos muros da região". Wesley Cassimiro reforça essa ideia ao afirmar que "quando tem essas obras, o ambiente se torna muito mais vívido. Mexe com a autoestima dos moradores".

Mais do que um simples revestimento cromático, o grafite na Vila Flávia configura-se como mecanismo de empoderamento e reconstrução simbólica: cria "**pontos de pertencimento**" que motivam o cuidado coletivo com as ruas, atraem olhares de fora e fomentam iniciativas culturais e turísticas. Negotinho sintetiza essa crença ao dizer que "**São Mateus inteiro respira arte, a música e o grafite estão na nossa raiz**".



figura 10 "Não somos indefesas" grafite na Vila Flávia por Priscila Barbosa
Foto: Priscila Barbosa



figura 11 Esquina na Vila Flávia ao longo dos anos.
Fonte: Google Maps.



figura 12 Vila Flávia: antes x depois dos grafites da Favela Galeria.
Fonte : Google Maps

1.5. REFÊNCIAS PROJETOAIS

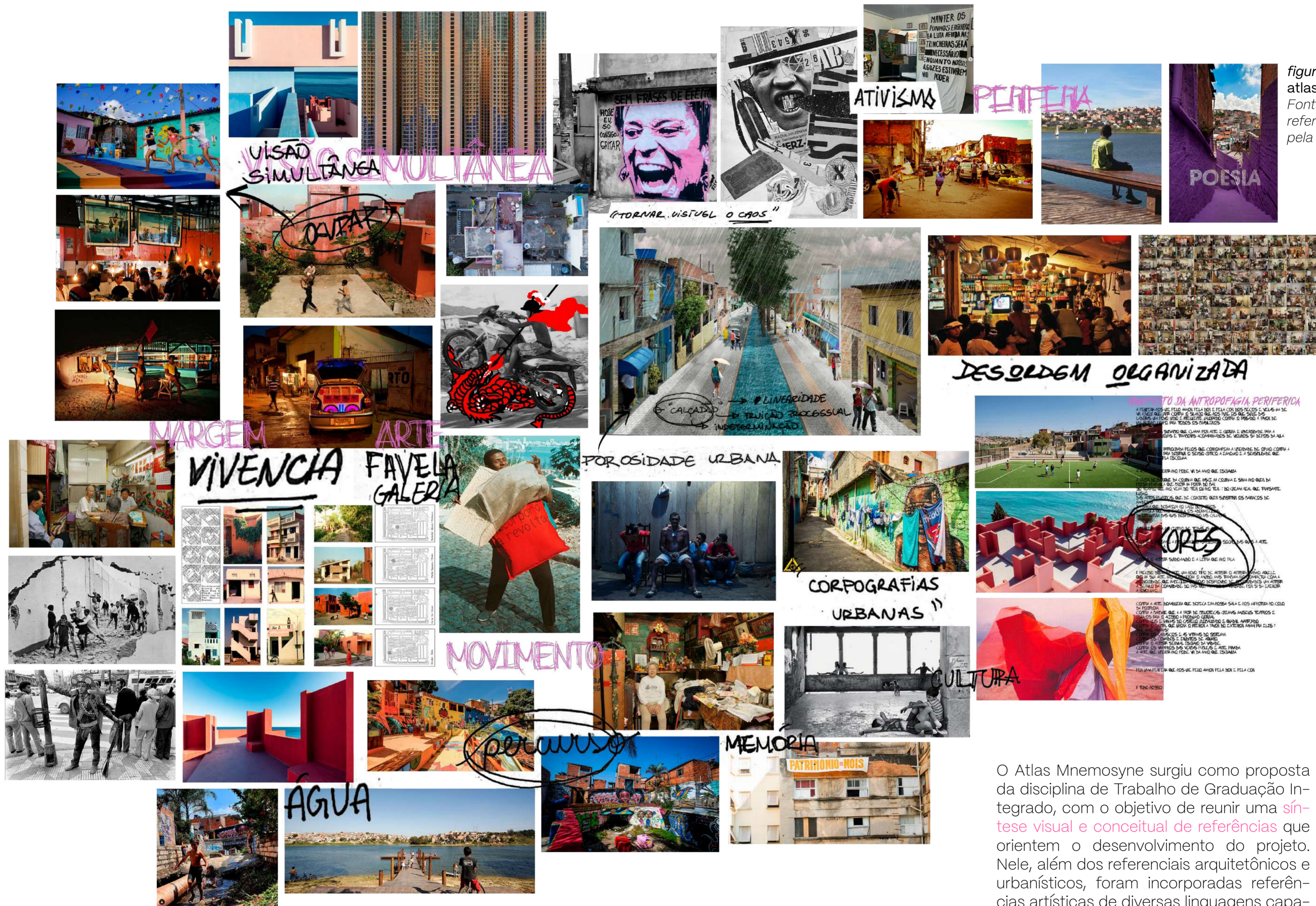


figura 13 atlas mnemosyne Fonte: Síntese de referências elaborada pela autora.

O Atlas Mnemosyne surgiu como proposta da disciplina de Trabalho de Graduação Integrado, com o objetivo de reunir uma síntese visual e conceitual de referências que orientem o desenvolvimento do projeto. Nele, além dos referenciais arquitetônicos e urbanísticos, foram incorporadas referências artísticas de diversas linguagens capazes de inspirar soluções formais, cromáticas e espaciais.

síntese: principais referências de projeto



Figura 14 Terminal e Parque Urbano em São Luís, Natureza Urbana. Foto: Meireles Júnior
Figura 15 Reabilitação integral do centro histórico de Banyoles, MIAS Architects. Foto: Adrià Goula
Figura 16 Parque Madureira. Ruy Rezende Arquitetos. Foto: Bianca Rezende
Figura 17 Parque Madureira. Ruy Rezende Arquitetos. Foto: Bianca Rezende
Figura 18 Primavera de Tainan. MVRDV. Foto: Daria Scagliola.
Figura 19 Placa Simon-Goulart. Atelier Descombes Rampini. Foto: Alain Grandchamp

Figura 20 Orfanato Municipal. Aldo Van Eryck. Foto: Meireles Júnior
Figura 21 Parque Fresnillo. Rozana Montiel | Estudio de Arquitectura + Alin V. Wallach. Foto: Sandra Perezniето.
Figura 22 Reurbanização da favela do Sapé, Base Urbana + Jorge Pessoa. Foto: Pedro Vannucchi.
Figura 23 Tapis Rouge, EVA Studio. Foto: Gianluca Stefani.
Figura 24 Projeto Caminhos da Escola. Foto: divulgação [Global Designing Cities Initiative]
Figura 25 Projeto Urbano Córrego do Antonico, MMBB Arquitetos. Imagem: divulgação.

1.6. PERSPECTIVAS PROJETOAIS

O coletivo São Mateus em Movimento foi responsável por conseguir o contato com o poder público para realização da obra de canalização do córrego Canguueiras, em 2016, após uma luta de mais de 10 anos dos moradores da Vila Flávia com os problemas trazidos pela ausência de infraestrutura do córrego, questão que será mais aprofundada no decorrer do trabalho. Todavía, é importante entender desde o início as questões que permeiam esse espaço, seus pontos fortes e suas principais necessidades, assim como explicita Negotinho:



Nossa ideia era separar o esgoto, os resíduos, das águas da nascente; cuidar do plantio das árvores e canteiros. A ideia era ter uma ciclovia ao lado do rio, que passasse pela Favela Galeria e pelo espaço São Mateus em Movimento, para chegar no parque Reserva do Carmo e no Sesc Itaquera. A ciclovia seria um elo de ligação entre esses espaços. Apesar de estar longe, nossa ideia era que fosse um rio navegável.

Além disso, outra demanda importante é a expansão do espaço do São Mateus em Movimento, que suas salas já não conseguem suprir as necessidades da comunidade:

Hoje podemos dizer que o São Mateus em Movimento impactou diretamente o nosso território no sentido de transformação social [...] Mas a intenção é que a gente mude de espaço e deixe esse local apenas como um patrimônio histórico do nosso bairro, a intenção é focar em ter exposições aqui e ter uma sala para discutir questões da comunidade. A ideia é criar um novo espaço dentro da comunidade para realização das atividades do dia a dia, já que o nosso espaço não dá conta das demandas, temos muitas crianças em fila de espera para as aulas.



figura 26 Córrego Canguueiras e rua da Vila Flávia
Foto retirada pela autora



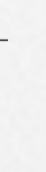
figura 27 Aula de informática no São Mateus em Movimento
Foto retirada pela autora



02

LEITURAS

cartografias gerais	42
córrego cangueiras	50
mapeamento de sociabilidades	64
pontos, linhas e superfícies	74





- X PONTOS DE ÔNIBUS RELEVANTES
- VIAS ARTERIAIS
- VIAS COLETORAS
- LINHA PRATA MONOTRILHO
- VILA FLÁVIA

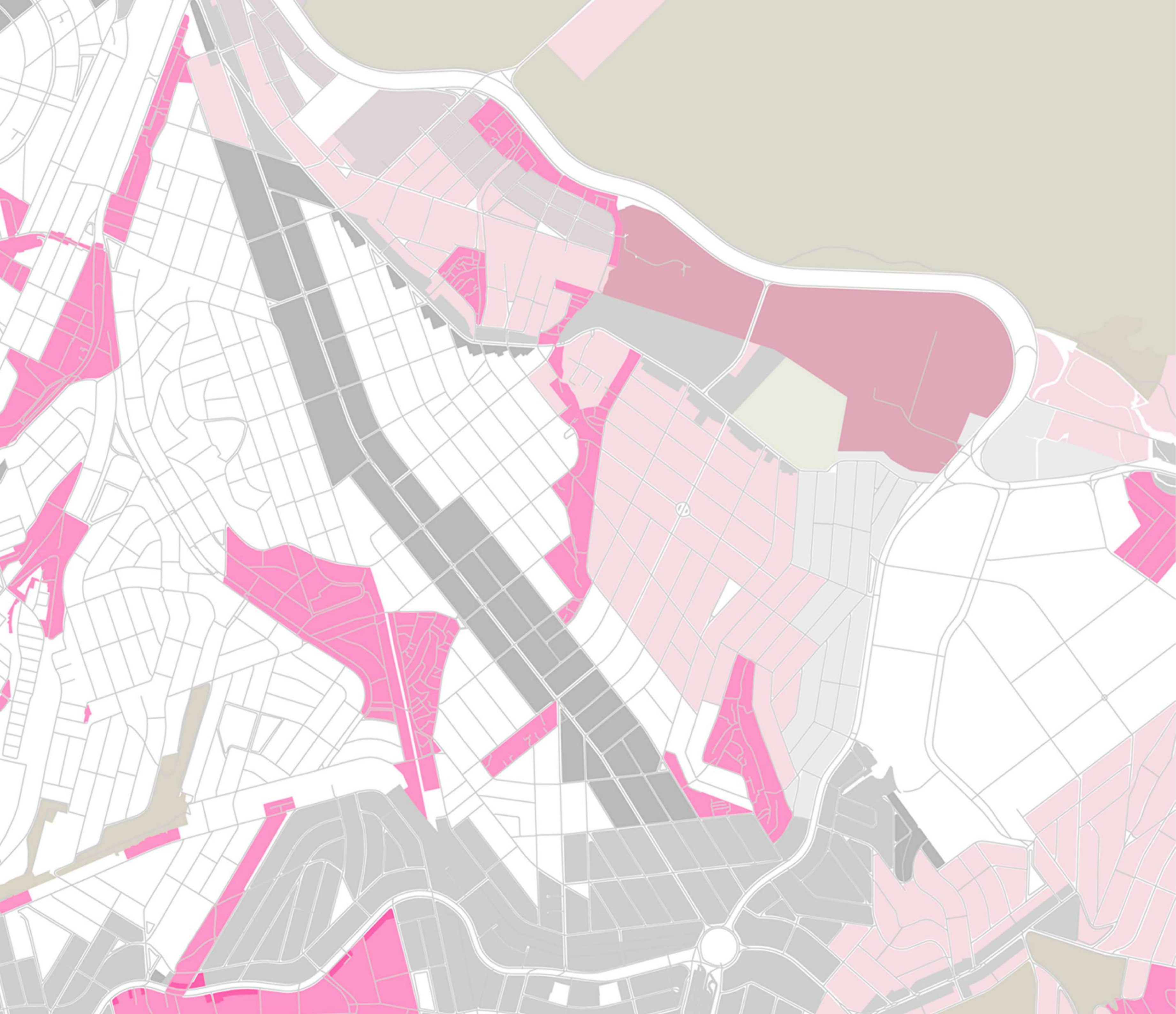
250m





-  ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL (APA)
-  PARQUES E PRAÇAS
-  HIDROGRAFIA
-  VILA FLÁVIA

250m 



- ZEIS 1
- ZPI 2
- ZM a
- ZEPAM
- ZEIS 5
- ZC

250m





250m





figuras 34 e 35: córrego cangueiras 2016 e 2021
 Fonte: Ciranda da Água São Mateus
 Carlos Eduardo Pierrri & Thiago Eves

2.2. CÓRREGO CANGUEIRAS

O córrego Cangueiras, afluente do Ria Aricanduva, foi urbanizado no final da gestão de Fernando Haddad em São Paulo, no ano de 2016, através de uma articulação que o coletivo São Mateus em Movimento realizou com o governo.

A obra permitiu uma melhora na infraestrutura urbana do local, principalmente no trecho 1 (conforme o mapa 7, na página seguinte), cujo resultado permitiu uma melhoria do trânsito na região, já que se tratava de uma área de difícil acesso e com muitas construções irregulares. Essa obra também afetou consideravelmente a autoestima dos moradores, que se engajaram na construção de uma pequena praça e de vários canteiros no trecho.

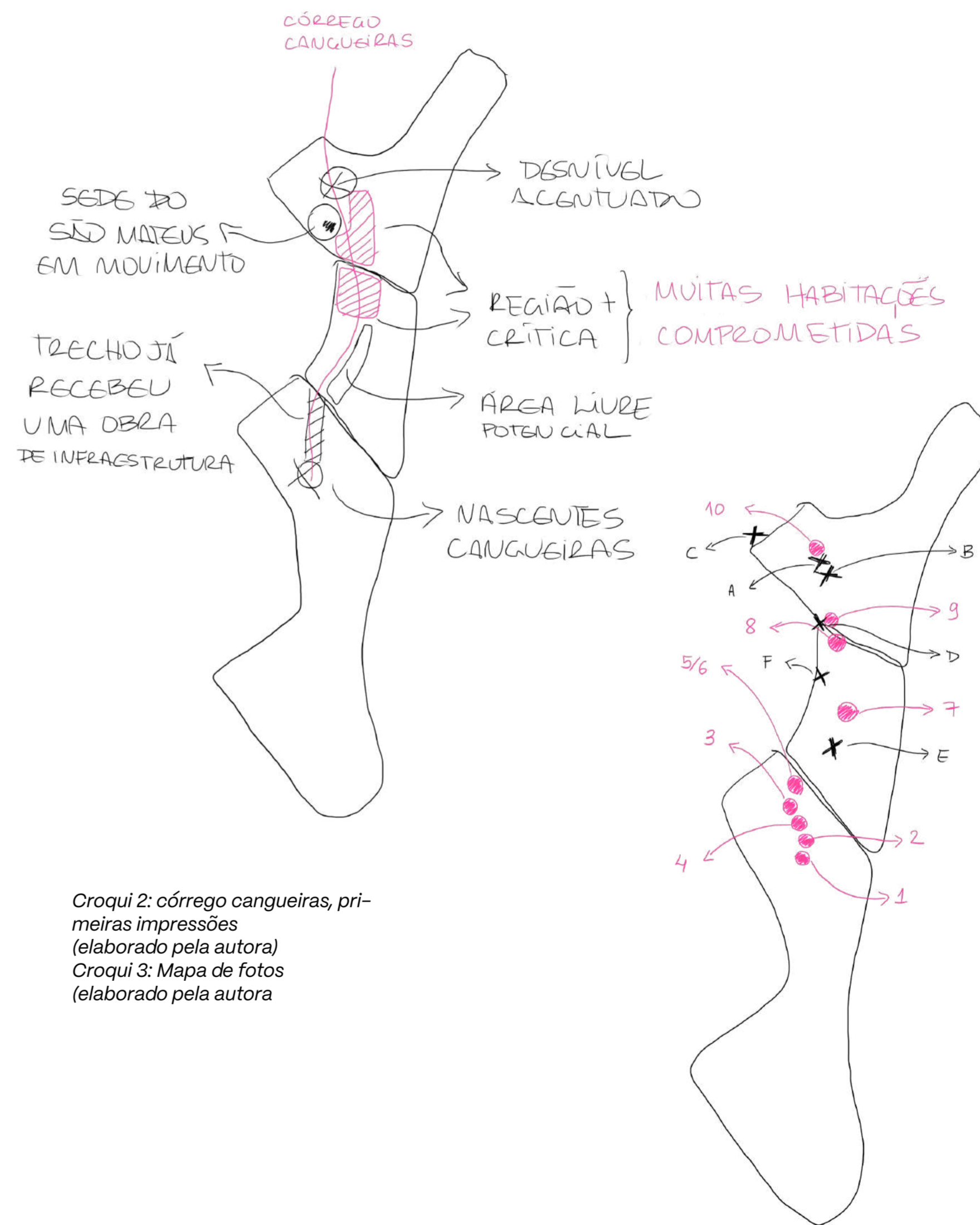
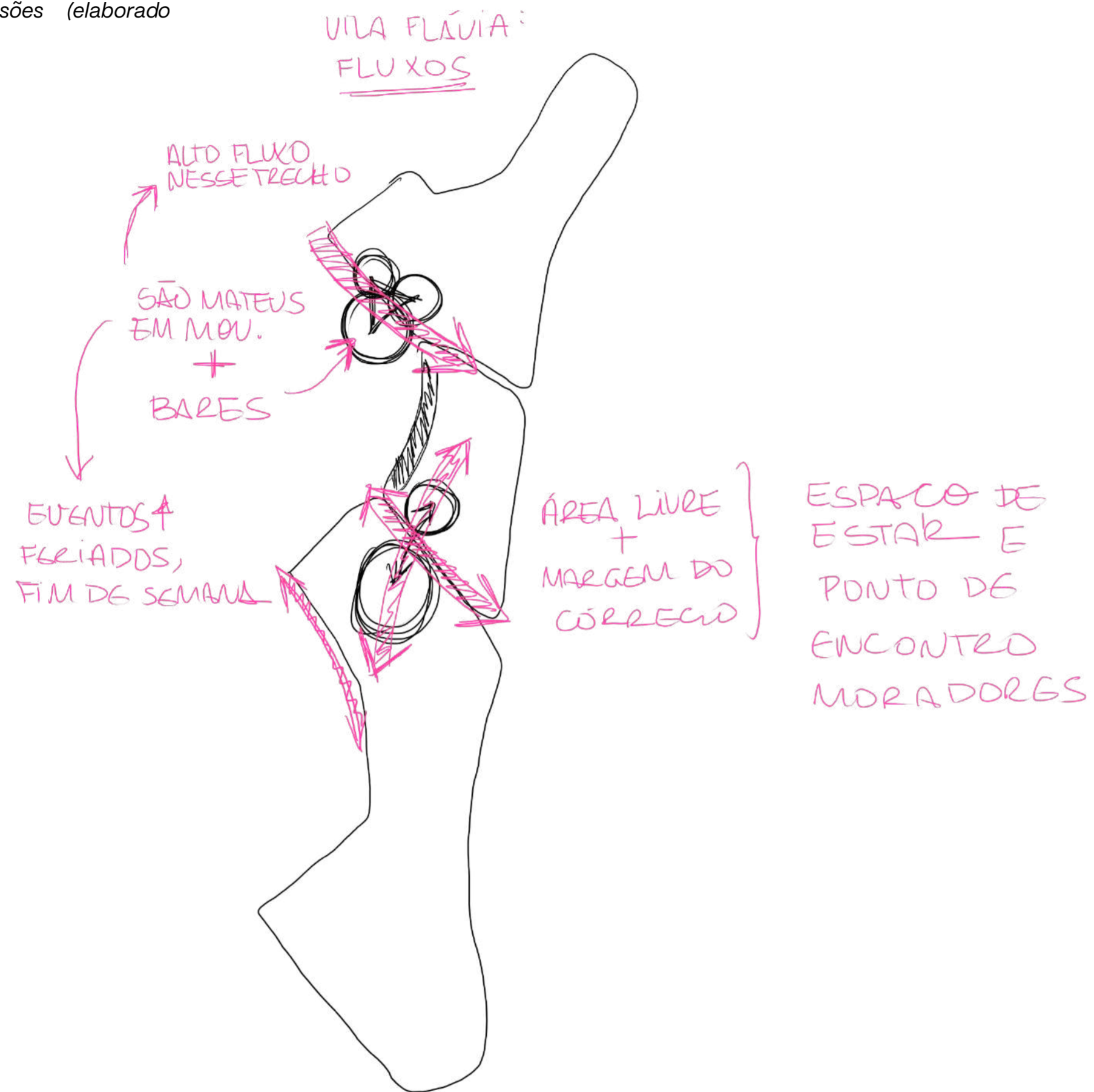
Segundo o engenheiro responsável, a obra realizada é denominada canalização Ecológica, uma técnica que realiza a canalização da vazão poluída de base do rio, que deveria correr no cano que aparece na figura ao lado, enquanto a água limpa correria ao lado, visível na superfície. Todavia, durante a visita na região, questionei Negotinho em relação à essa obra, e ele prontamente respondeu "engavetou tudo".

Assim, o sistema previsto aparentemente não chegou a funcionar por muito tempo e não teve manutenções. Atualmente a água limpa das nascentes, visível em certo ponto, vai aos poucos sendo contaminada com o esgoto das habitações rio abaixo, deixando a água com um cheiro desagradável em todo seu percurso. ✘

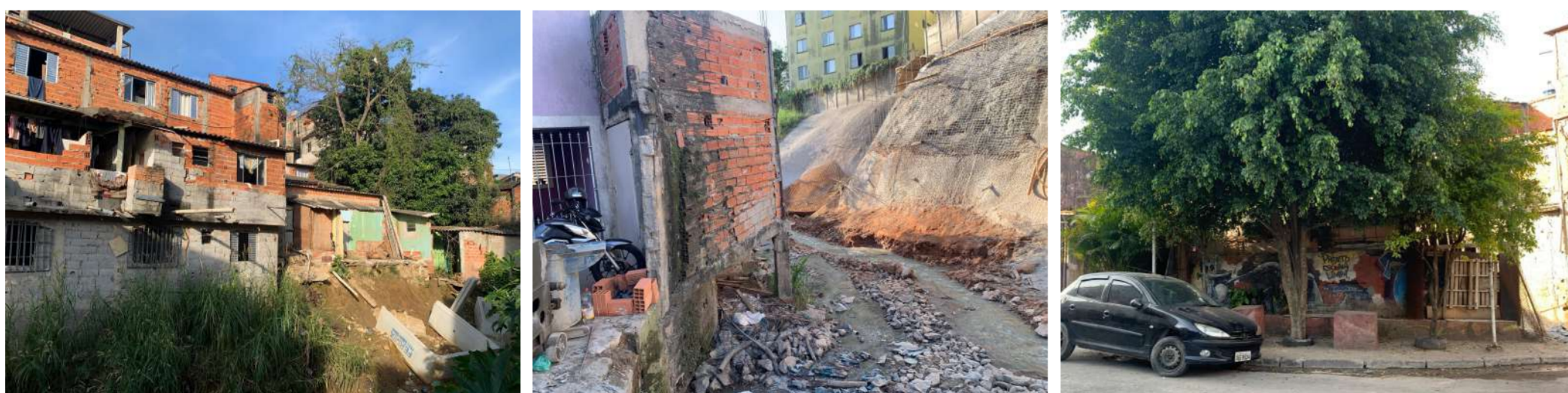
No início do ano de 2024, novas obras de infraestrutura para o córrego foram iniciadas, novamente por solicitação dos movimentos sociais. Negotinho relata que a população estava com receio de que certas habitações pudessem estar sendo comprometidas estruturalmente pela sua proximidade com o córrego. A nova obra consiste na implementação de muros de contenção e cercas ao longo do Cangueiras, bem como o reforço estrutural em alguns pontos críticos, porém sem nenhuma preocupação com o tratamento de esgoto e proteção da água das nascentes, o que para Negotinho é lamentável, mas, segundo o mesmo, "ainda é melhor do que como estava antes". ✘

visita de campo: percepções

Croqui 1: córrego cangueiras, primeiras impressões (elaborado pela autora)



Croqui 2: córrego cangueiras, primeiras impressões (elaborado pela autora)
 Croqui 3: Mapa de fotos (elaborado pela autora)



figuras 30, 31, 32, 33, 34 e 35: visita de campo na Vila Flávia. Fonte: registros da autora.

REGIÃO BEM ARBORIZADA
POPULAÇÃO QUE PLANTOU

INFRAESTRUTURA
SEM MANUTENÇÃO

NASCENTE 2



1

2

SÁIDA DE ESGOTO

DESCARTE
IRREGULAR
DE LIXO

NASCENTE 1

* NESSE TRECHO O CHEIRO NÃO É RUIM.

MUITO LIXO E DESCARTE IRREGULAR

GRAFITE DO ZEZÃO



3

COLETOR INSTALADO EM 2016, QUEBRADO

4

ÁGUA DA NASCENTE

PEIXES!

MAIORIA DAS SUPERFÍCIES É GRAFITADA

AS PEDRAS QUEBRARAM O COLETOR.

CAÍDA DE ESGOTO

QUALQUER ESPAÇO LIVRE VIRA ESTACIONAMENTO



5

6

ÁGUA LIMPA DA NASCENTE SOME E O ESGOTO PREVALECE

PASSAGEM INTERROMPIDA

*AQUI O CHEIRO JÁ É MUITO FORTE.



7

HABITACÕES COM
COMPROMETIMENTO
ESTRUTURAL

OBRA REMOVEU TODA
A ARBORIZAÇÃO DO
TRECHO

IMPLANTARAM CERCAS PARA
SEGURANÇA + MUROS DE
ARRIMO PARA CONTENÇÃO.



8

HABITACÕES MUITO
PRÓXIMAS AO
CÓRREGO

GRELHAS
DE CONTENÇÃO

POUNTOS DE
DESPEDO DE
ESGOTO.

* TRECHO COM DESNÍVEL ACENTUADO



9

BRICOLAGEM
PRECARIEDADE DAS
HABITAÇÕES

HABITAÇÕES EM
ÁREAS DE RISCO
EMINENTE

MORADORES FAZEM "REFORÇOS"
ESTRUTURAS CONSTANTES
NAS HABITAÇÕES PRÓXIMAS
AO CÔRREGO.



10

A OBRA "PASSA POR CIMA"
DAS HABITAÇÕES QUE
DEVERIAM SER REMANEJADAS

+ PONTOS DE
DESPEJO DE
ESGOTO

CONCRETAGEM
RECENTE
(OBRA)

2.3. MAPEAMENTO DE SOCIABILIDADES

Para entender e mapear os *pontos aglutinadores de sociabilidade* na leitura do território, foi realizado um mapeamento de sociabilidade na região, baseado nas percepções da visita ao local, nas entrevistas realizadas e também nas dados e imagens encontradas nas redes sociais e no google street view.



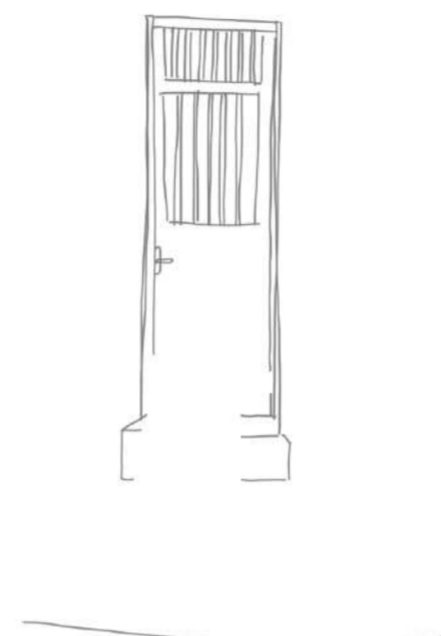
figura 46 a 57: Google Maps, Instagram do São Mateus em Movimento e da Favela Galeria e Gabriele Hana.

registro

meninos reunidos
na esquina



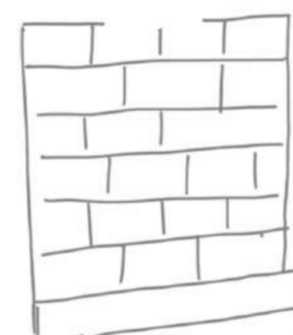
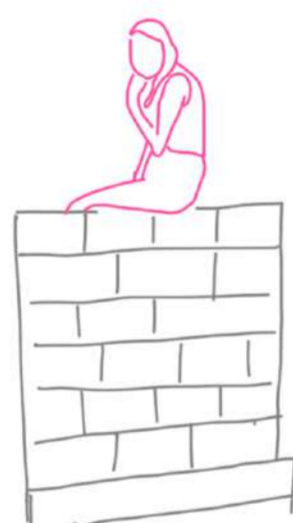
dispositivos



mapeamento de sociabilidade

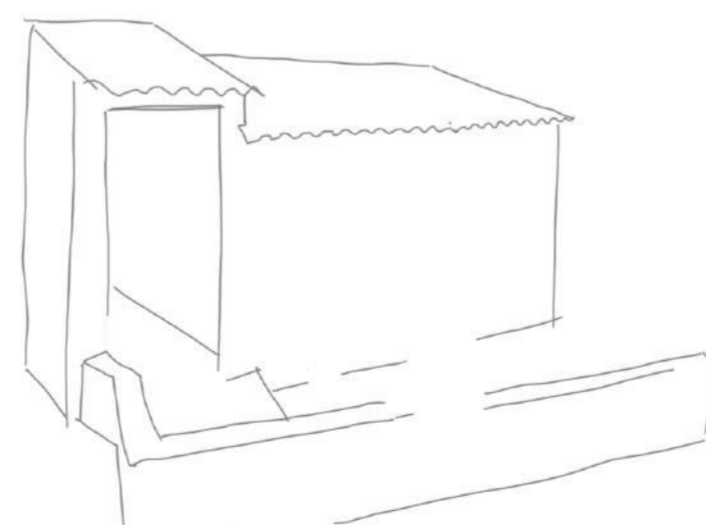
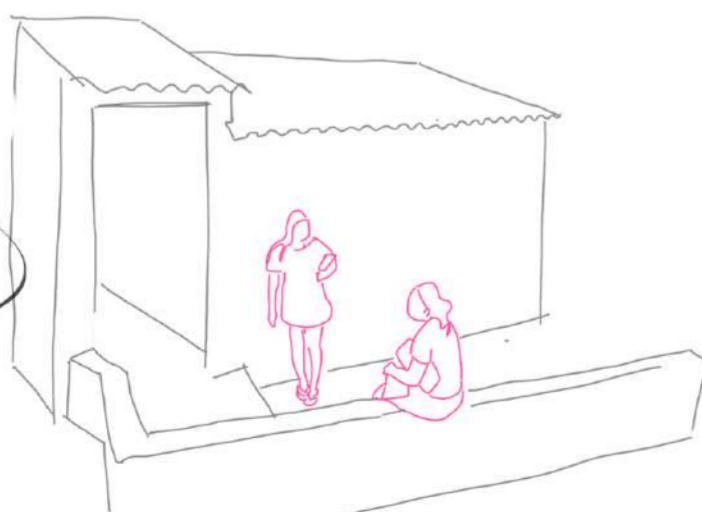
atividades: sentar, conversar, encontrar,
observar, estar
dimensão: coletiva
local: porta de casa, esquina, calçada,
batente
público: jovens

moça sentada
na mureta



atividades: sentar, observar, estar
dimensão: individual
local: porta de casa, mureta
público: jovem

mulheres
conversando
na porta de casa



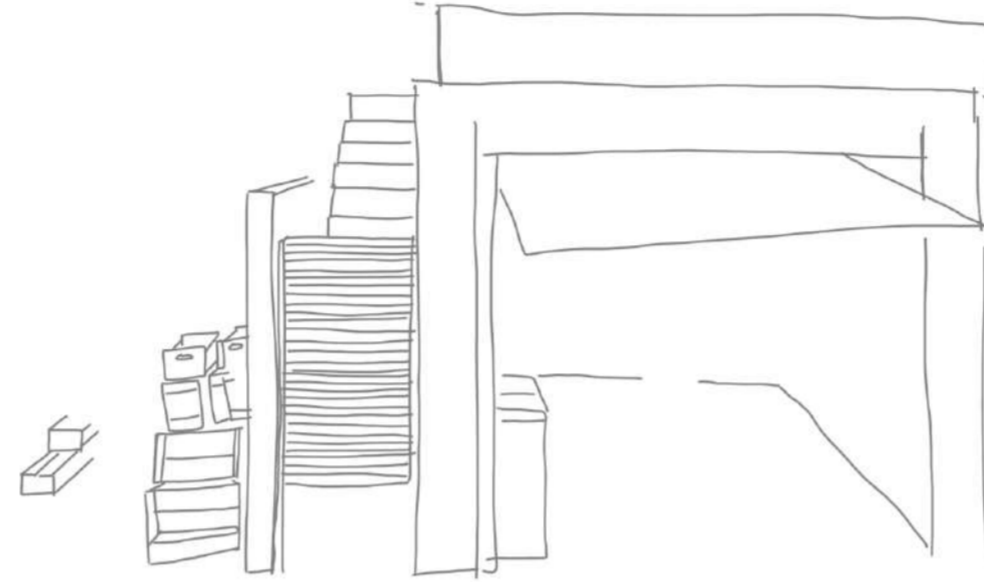
atividades: sentar, conversar, encontrar,
observar, estar
dimensão: coletiva
local: porta de casa, calçada
público: adultos e crianças

registro



jovens reunidos na viela ao lado de comércio

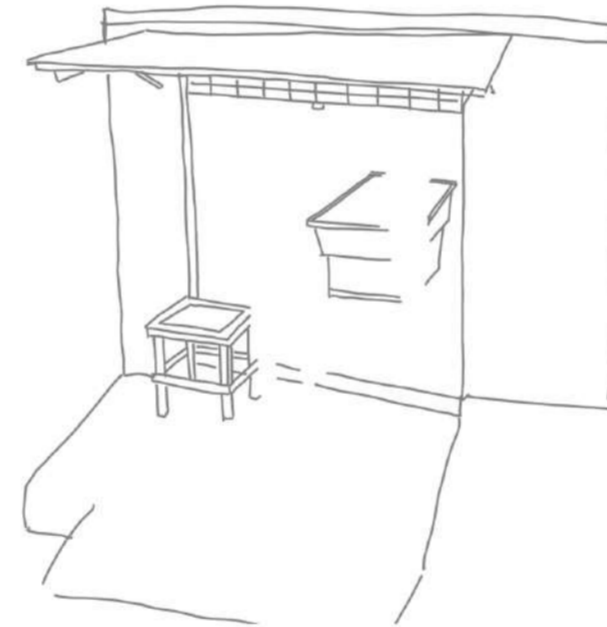
dispositivos



mapeamento de sociabilidade

atividades: sentar, conversar, encontrar, observar, estar, comprar, beber, comer
dimensão: coletiva ou individual
local: comércio, viela
público: jovens e adultos

homens jogando sinuca no bar



atividades: conversar, jogar, encontrar, beber, comer
dimensão: coletiva
local: bar, comércio, calçada
público: adulto

homens reunidos em bar



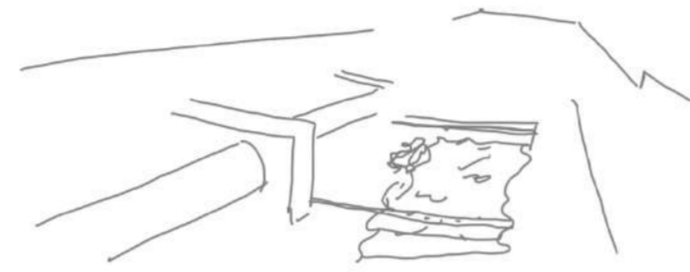
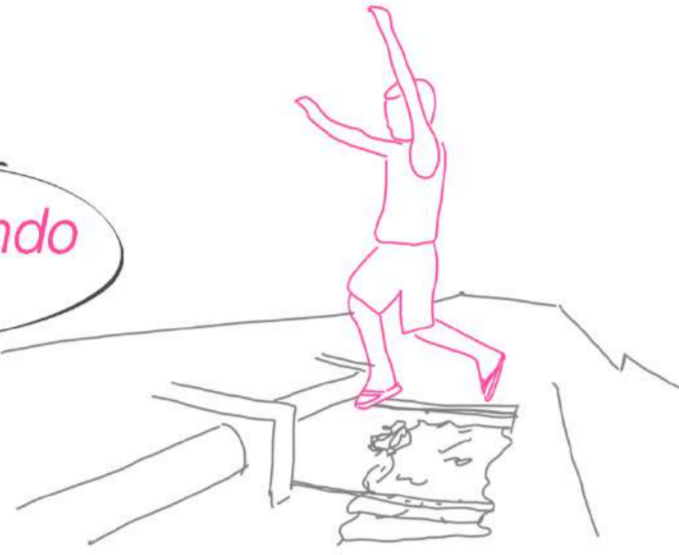
atividades: sentar, conversar, encontrar, observar, estar, beber, comer
dimensão: coletiva
local: bar, comércio, calçada
público: jovens e adultos

registro

dispositivos

mapeamento de sociabilidade

menino brincando
no córrego



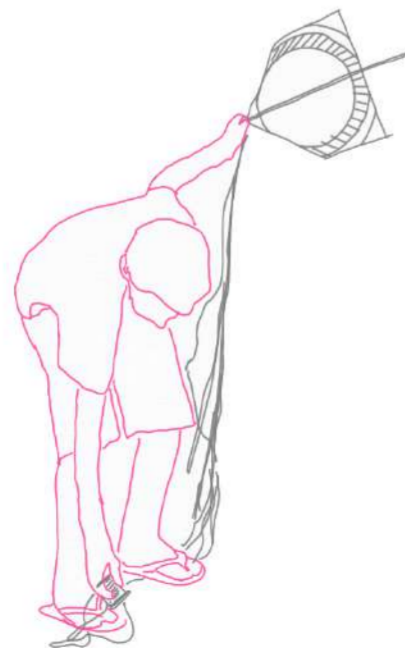
atividades: brincar, estar
dimensão: individual
local: córrego
público: criança

meninos brincando
com a água



atividades: brincar, estar, conversar
dimensão: coletiva
local: córrego
público: crianças

menino empinando
pipa

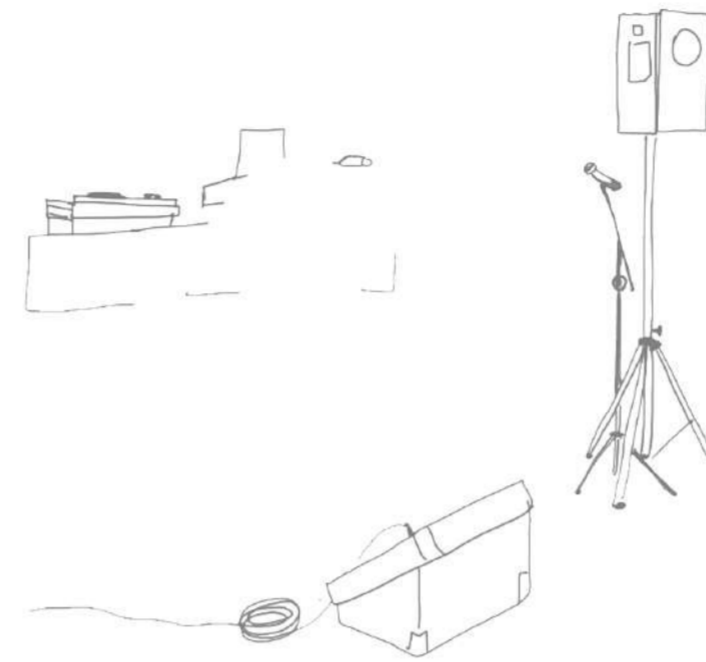


atividades: brincar
dimensão: coletiva ou individual
local: rua
público: crianças

registro

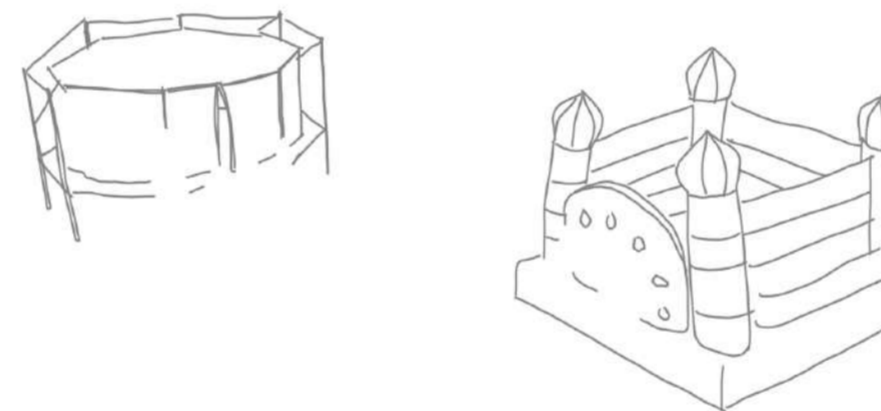
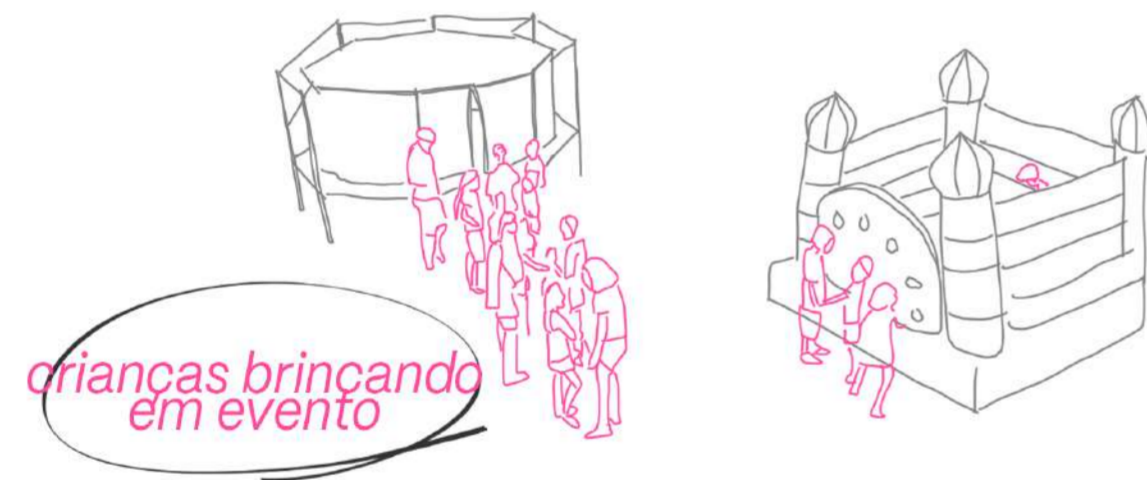


dispositivos



mapeamento de sociabilidade

atividades: cantar, dançar, assistir
dimensão: coletiva
local: rua
público: crianças, jovens e adultos



atividades: brincar
dimensão: coletiva
local: rua
público: crianças



atividades: grafitar
dimensão: coletiva ou individual
local: rua, muros
público: crianças, jovens, adultos

2.4. PONTOS, LINHAS E SUPERFÍCIES

Como reflexão de leitura inicial, foi realizada uma interlocução com o **Parc de la Villette**, idealizado por Bernard Tschumi em Paris, adotado neste trabalho como um ponto de partida conceitual: naquele momento, serviu para suscitar perguntas fundamentais e guiar as primeiras leituras do território. Contudo, à medida que o projeto se desenvolveu, as ideias extraídas dali se transformaram e deram origem a abordagens próprias, mais afinadas com a realidade da Vila Flávia, conforme será detalhado adiante.

"O que significa pensar um parque urbano para o século XXI em um contexto periférico do Sul Global?"

Inicialmente, replicando o mesmo questionamento de Tschumi na criação de um "Parque Urbano para o Século XXI", elaborou-se um mapeamento de sociabilidades ancorado em pontos que defini como centrais no processo de leitura da área. Esse passo foi importante para desafiar pressupostos de escala, programa e paisagem, mas logo percebeu-se que a noção de exclusividade e monumentalidade presente em La Villette precisava ceder lugar a práticas de intimidade comunitária e apropriação cotidiana.

Assim, os pontos, linhas e superfícies foram reinterpretadas segundo as dinâmicas desse território. Os **pontos** da grade parisiense, que para Tschumi marcavam espaços de acontecimento e performance, aqui se converteram em **locais de sociabilidade** já consolidados: bares, comércio de bairro, esquinas e praças informais. As **linhas**, antes concebidas como trajetos sinuosos do acaso, passaram a ser representadas pelas **malhas de ruas e vielas**, além do **percurso natural do córrego Canguairas**. Por fim, as **superfícies** mantêm sua condição de espaços livres, mas agora incorporam outro elemento estruturante: os **grafites** que revestem muros e fachadas, transformando arte urbana em escultura de paisagem e reforçando o caráter coletivo do parque.

Dessa forma, acredita-se que o paralelo estabelecido com La Villette atuou não como uma fórmula rígida a ser replicada, mas como um exercício crítico que iluminou possibilidades e que, mais adiante, se desdobrará em soluções mais amplas e complexas.

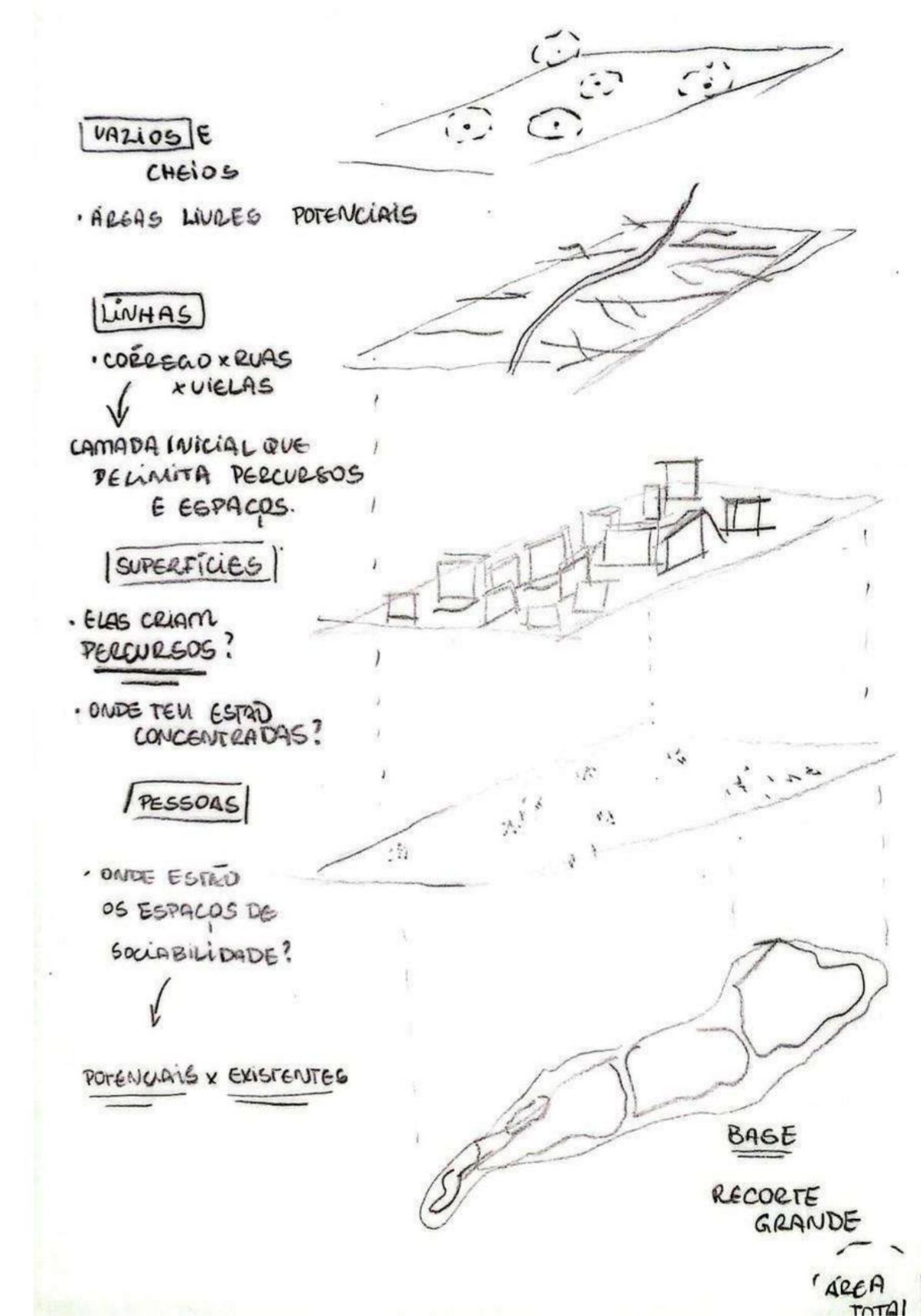
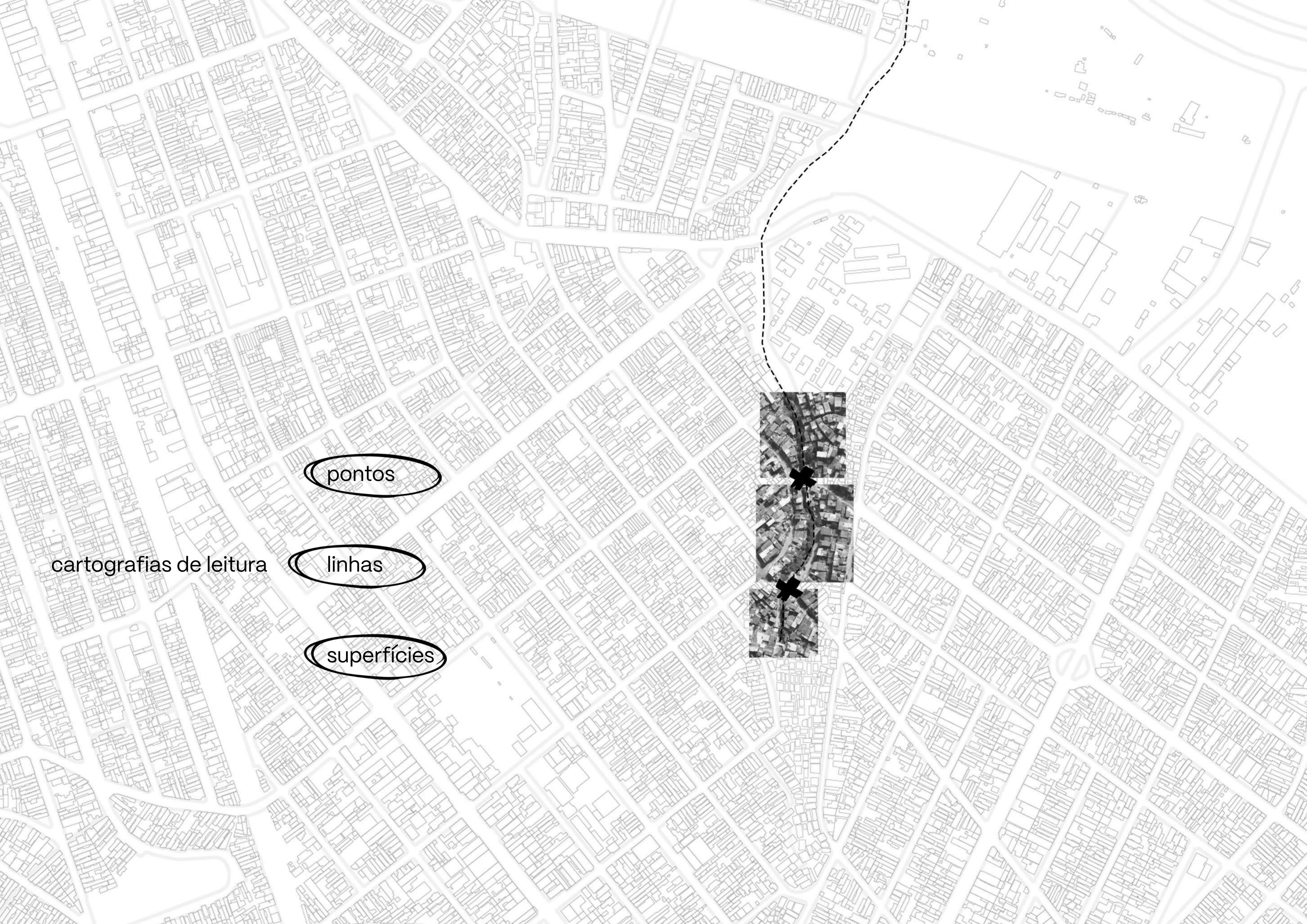


figura 58: esboço da autora sobre metodologia de leitura



pontos

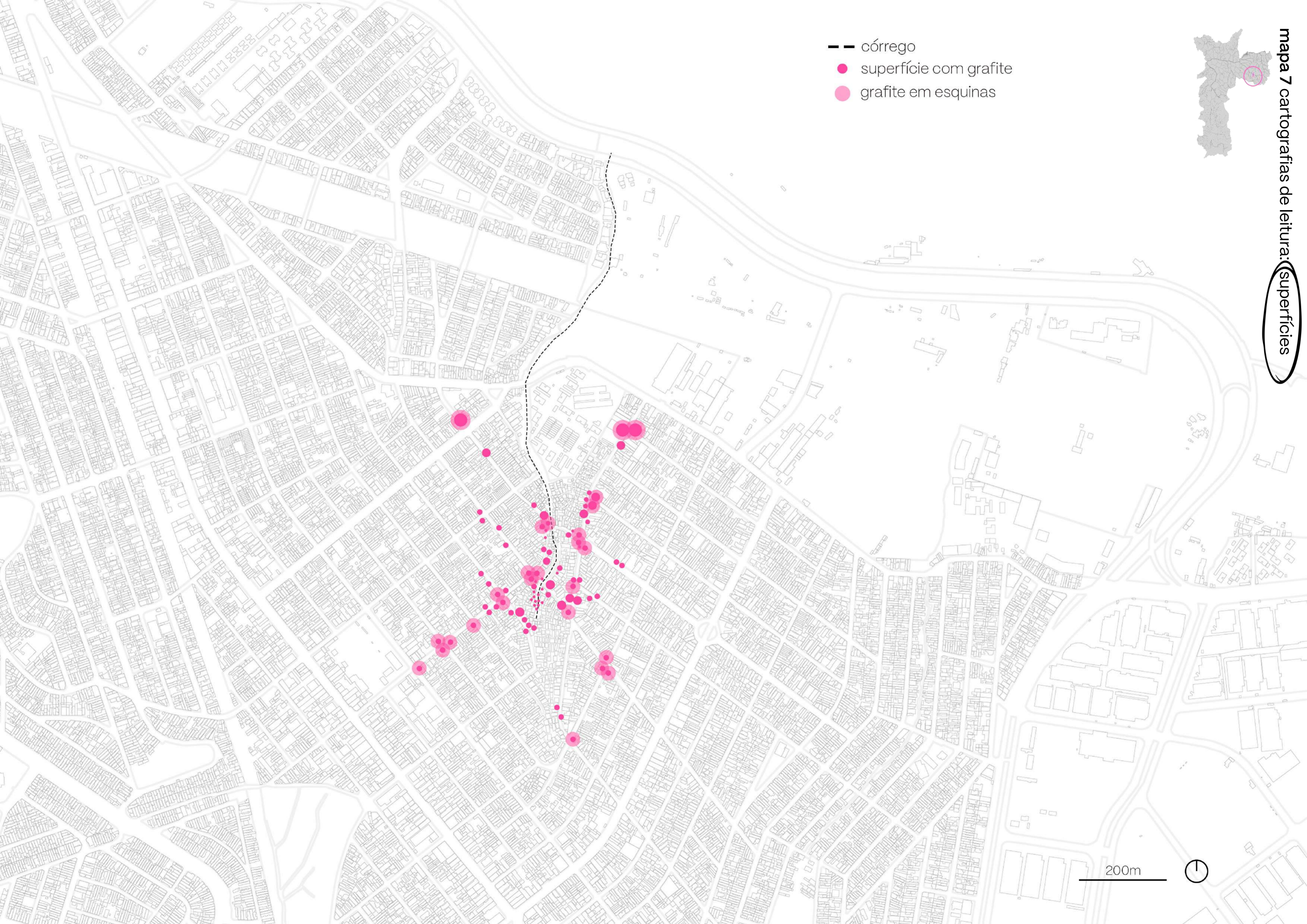
cartografias de leitura

linhas

superfícies



- córrego
- superfície com grafite
- grafite em esquinas





- córrego
- ponto de sociabilidade
- escala de sociabilidade





--- córrego
..... linhas



200m



- córrego
- ponto de sociabilidade
- escala de sociabilidade
- vias prioritárias de entrada para a Favela Galeria
- superfícies com grafite
- grafite em esquina





03

DIRETRIZES

diretrizes gerais
sobre remoções

88
94

3.1 DIRETRIZES GERAIS

Levando em consideração as leituras urbanas expostas previamente, foi possível elencar **seis aspectos principais** que irão nortear as diretrizes gerais e a proposta de projeto para a região.

A partir da análise de cada uma dessas questões e dos agentes urbanos envolvidos em cada contexto, foi possível elencar propostas e ações que correspondem diretamente a cada uma dessas questões, sendo posteriormente elencadas em três grandes dimensões: **ambiental, social e de infraestrutura**.

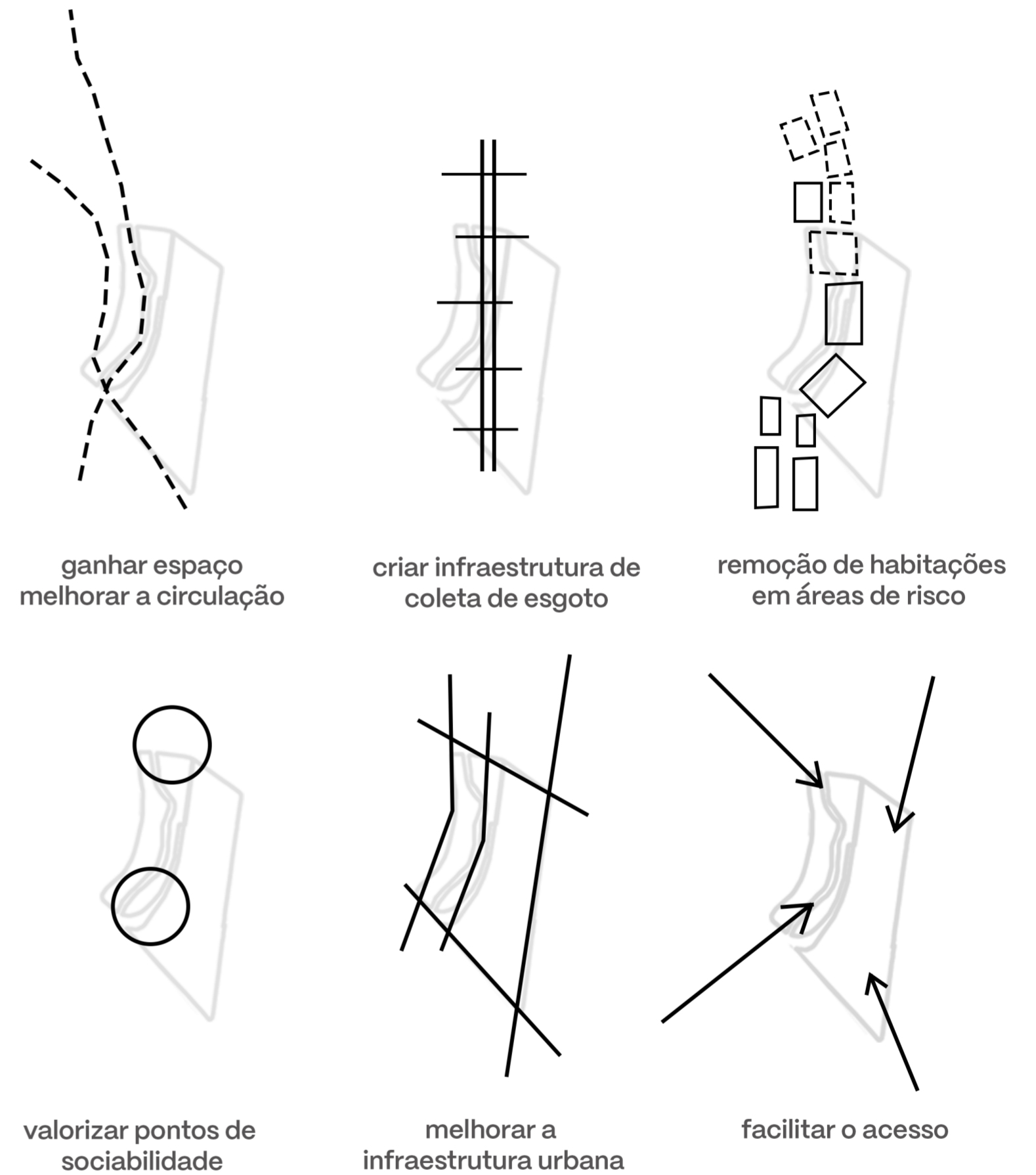


diagrama 1: diretrizes gerais de projeto

Vila Flávia

São Mateus em Movimento



Favela Galeria



Grupo OPNI



ativismo



sociabilidade



cultura



arte



turismo



vielas



ruas



córrego Cangueirás



grafite



comunidade



habitação precária

carência de rede de esgoto e drenagem

carência de espaços públicos qualificados

descarte irregular de lixo

carência de infraestrutura urbana

remoções

parque linear

vias compartilhadas

pontes

sistema de coleta de esgoto

sistema de espaços livres

arborização

valorização do córrego

melhorar a infraestrutura urbana

valorização do espaço São Mateus em Movimento

- AGENTES
- POTENCIAS
- PROBLEMAS
- AÇÕES

ambiental	social	infraestrutura	
			Recuperação das águas do córrego
			Estabelecimento de uma faixa não edificável de 10m nas margens do córrego
			Estimular o contato da população com a água
			Incentivar a realização de eventos culturais diversificados
			Incentivar o turismo
			Incentivo fiscal para realização de grafites nas fachadas das casas
			Incentivar o uso misto
			Remoção de habitações em áreas de risco
			Projeto de parque linear ao longo das margens do córrego
			Expansão do espaço físico do São Mateus em Movimento
			Conectar o parque linear com o espaço São Mateus em Movimento
			Estabelecer um sistema de espaços livres em conexão com parque
			Confluir o parque linear com a Favela Galeria
			Facilitar o acesso ao local através do transporte público
			Melhorar o trânsito pedonal na região
			Limitar estacionamentos em vias adjacentes
			Transformar as vias principais em vias compartilhadas
			Melhorar a infraestrutura urbana da região
			Garantir a possibilidade de travessia entre as margens do córrego
			Instalação de um sistema de coleta de esgoto independente
			Criação de um sistema de coleta e reciclagem de lixo com pontos de coleta
			Instalação de lixeiras públicas

3.2. SOBRE REMOÇÕES

Ao longo das margens do Córrego Canguieiras, grande parte das habitações apresenta condições precárias e está situada em áreas de risco, comprometidas pela instabilidade do terreno e pela proximidade direta com o leito. Para viabilizar a implantação do parque e garantir um corredor contínuo de uso público seguro, tornou-se imprescindível promover remoções seletivas dessas construções. Esse processo foi norteado por um levantamento minucioso, apoiado por uma maquete detalhada que permitiu visualizar individualmente cada lote, avaliar sua topografia e entender as interdependências entre as edificações.

Foram testadas três faixas de remoção ao longo das margens, de 30 m, 15 m e, finalmente, a proposta de 10 m, adotada visando minimizar as realocações, que foi considerada como parâmetro flexível, variando de acordo a especificidades de cada lote. Para estimar o número de habitações envolvidas, cada polígono construído foi ponderado por um fator de 1,5, de modo a contemplar pavimentos múltiplos e famílias residentes em andares superiores. Ao final, a alternativa de 10 m resultou em 240 unidades habitacionais a serem realocadas.

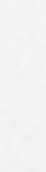
Visando preservar os vínculos sociais e permitir o reassentamento dentro da própria região, o projeto incorpora o direito de preempção sobre dois hectares de um lote a norte do São Mateus em Movimento, ficando a 600 metros de distância desse ponto. Esse terreno servirá para reassentar os moradores removidos, reduzindo o impacto da intervenção e mantendo a coesão comunitária na região da Vila Flávia.



Figura 59: maquete de estudo de remoções elaborada pela autora

- lotes a serem removidos
totalizam 165 lotes e
240 unidades habitacionais
- área de realocação
- lotes realocados





04	PROJETO		
		escalas de intervenção	100
		processos projetuais	104
		nascente	114
		percurso	130
		comunidade	142
		aspectos gerais	154
		referências	160

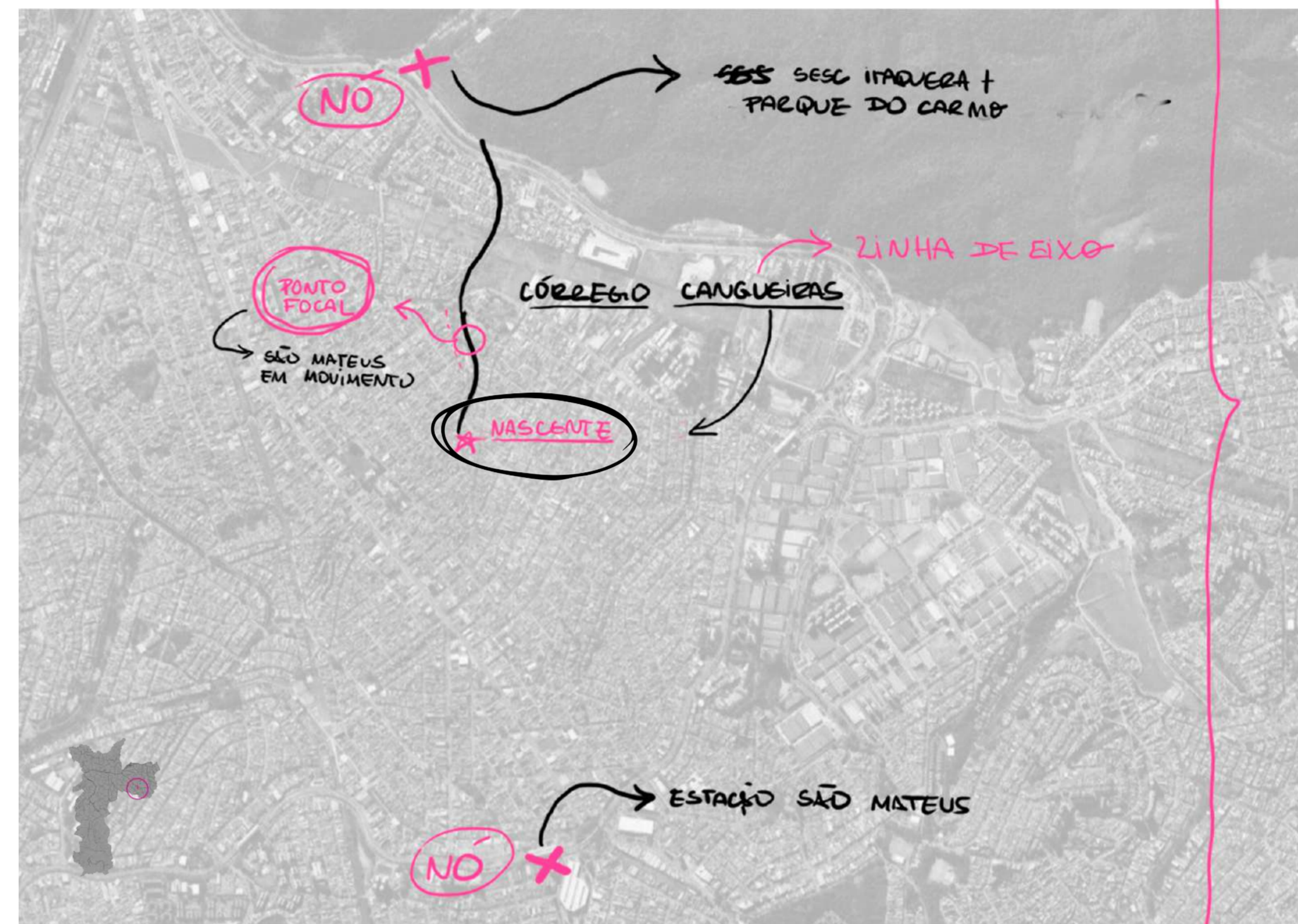
4.1. ESCALAS DE INTERVENÇÃO

As diretrizes gerais do projeto apresentadas anteriormente partem de uma delimitação em escala macro, orientada pelas demandas e anseios expressos pela comunidade, expostas anteriormente. Parte-se então de dois nós centrais para a região: o Sesc Itaquera, em conexão com o Parque do Carmo, e a Estação São Mateus, situada na extremidade oposta, como ponto focal entre esses dois nós, existe o São Mateus em Movimento e a Vila Flávia.

Do ponto de vista do desenho projetual, optou-se por dividir o processo em dois atos complementares. O primeiro consistiu na proposição do traçado da ciclofaixa, elemento linear que articula os marcos territoriais mencionados e evidencia o potencial de conexão entre diferentes escalas urbanas. Este traçado será apresentado a seguir, revelando os critérios adotados na escolha do percurso e as estratégias de integração com o tecido urbano existente.

O segundo ato consistiu na definição de um recorte territorial dentro dessa área ampliada, visando o aprofundamento das diretrizes e perspectivas de projeto por meio de um estudo de caso. A área selecionada para esse recorte parte da conexão entre dois outros pontos centrais para o bairro e para a proposta: a nascente do Córrego Cangueiras, situada no interior da Vila Flávia e identificada como elemento ambiental e simbólico de grande relevância e novamente o São Mateus em Movimento, reforçando seu papel como âncora do projeto. Com isso, delimita-se o trecho de intervenção do parque linear em um percurso de três quadras, estendendo-se da nascente até o equipamento cultural. Essa delimitação permitiu o desenvolvimento de soluções mais específicas, ancoradas nas leituras territoriais, nas referências teóricas e nas escutas realizadas ao longo do processo de pesquisa.

figura 60 Esboço das perspectivas projetuais
Elaborado pela autora



1º ATO

Desenho da ciclofaixa
que conecta os dois nós
centrais



2º ATO

Projeto de Parque Linear
que conecta a nascente
do córrego Cangueiras
com o São Mateus em
Movimento



4.2. PROCESSOS PROJETUAIS

O percurso de projeto deste trabalho foi marcado por idas e vindas, revisões constantes e reavaliações de decisões iniciais. A construção do desenho final foi um processo lento e, por vezes, conflituoso, atravessado por dúvidas, reformulações e a necessidade constante de readequar expectativas às condições reais do território.

Desde o início, a quadra 1 sempre foi a mais desafiadora. Por ser um local que já conta com um projeto parcialmente executado, com forte presença comunitária e uma linguagem estética marcante, definir um desenho novo parecia quase sempre uma agressão. A identidade já presente no lugar impôs limites delicados à intervenção, exigindo uma escuta mais atenta, maior cautela no desenho e sucessivos redesenhos até que o projeto proposto dialogasse de forma respeitosa com o que já existe.

Ao longo do processo, nem todos os pontos de partida e leituras permaneceram válidos ou coerentes até o fim. Muitos foram reformulados ou deixaram de fazer sentido à medida que o projeto avançava e novas camadas de compreensão sobre o território se revelavam.

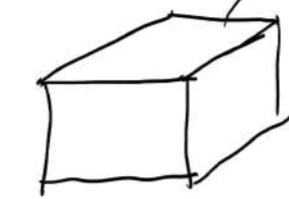


figura 60 e 61 Maquete de estudo para Quadra 1
Foto retirada pela autora

QUAL A LINGUAGEM
PROJETUAL DA VILA FLÁVIA?



PEQUENOS CANTEIROS
COM ARBUSTOS



LOCUIS PARA
SENTAR "FIXOS"
FORMA BASE



No entanto, dois princípios fundamentais se mantiveram e se consolidaram como base para a execução do projeto.

O primeiro foi a valorização das formas de sociabilidade já existentes e das atividades cotidianas realizadas pelos moradores. Compreender a dinâmica dos usos, dos encontros e das permanências ao longo do percurso foi essencial para desenhar espaços que fizessem sentido para quem vive o lugar diariamente.

O segundo ponto estruturante foi tomar a Vila Flávia como minha principal referência projetual. Antes de buscar inspiração em outros projetos ou soluções externas, foi necessário mergulhar nas especificidades do território, nos modos de apropriação e nas potências já presentes.

Ao final do processo, os traços, pontos e linhas definidos não se assemelham exatamente àquilo que imaginei no início. No entanto, eles materializam de **forma sensível e estratégica a viabilização de sociabilidades já em curso**, sociabilidades essas que, agora, passam a ser potencializadas, protegidas e ampliadas pelas novas configurações espaciais do parque.

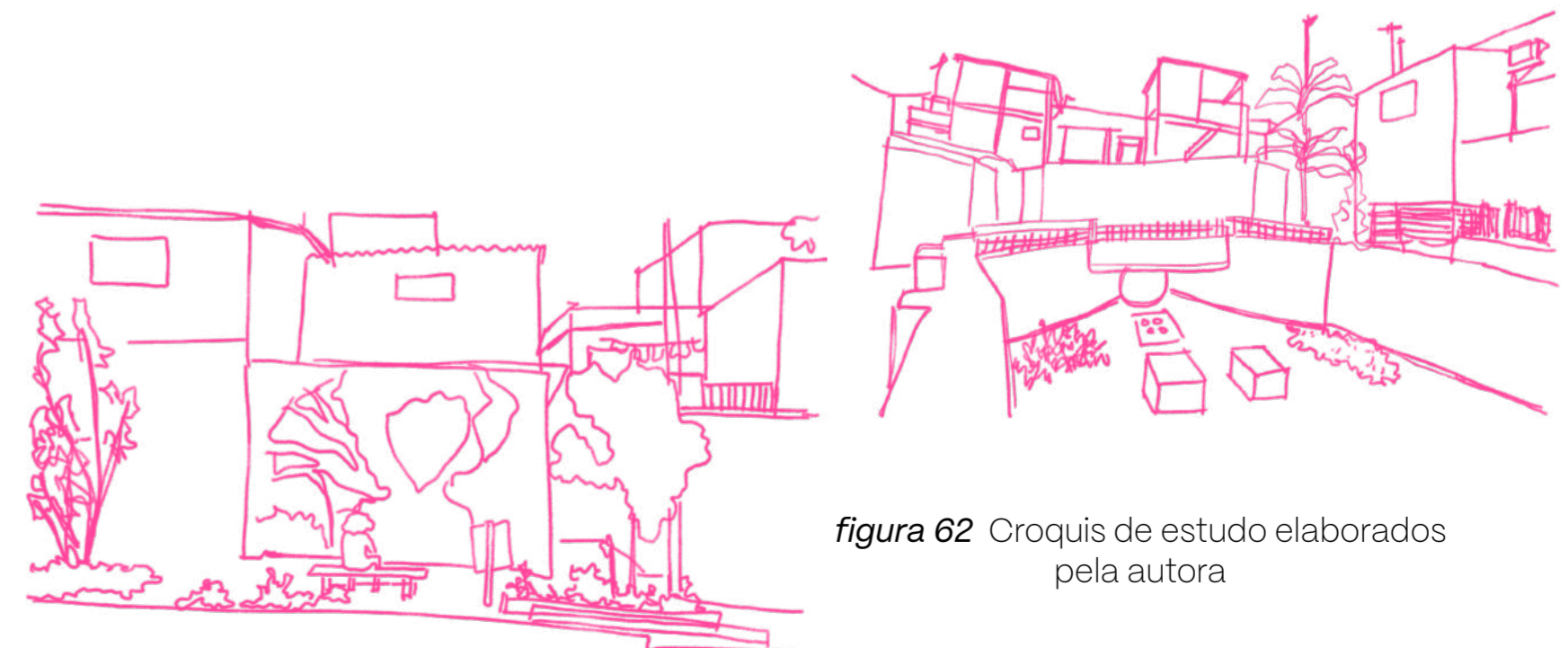


figura 62 Croquis de estudo elaborados
pela autora

4.3. INTENÇÕES DE PROJETO

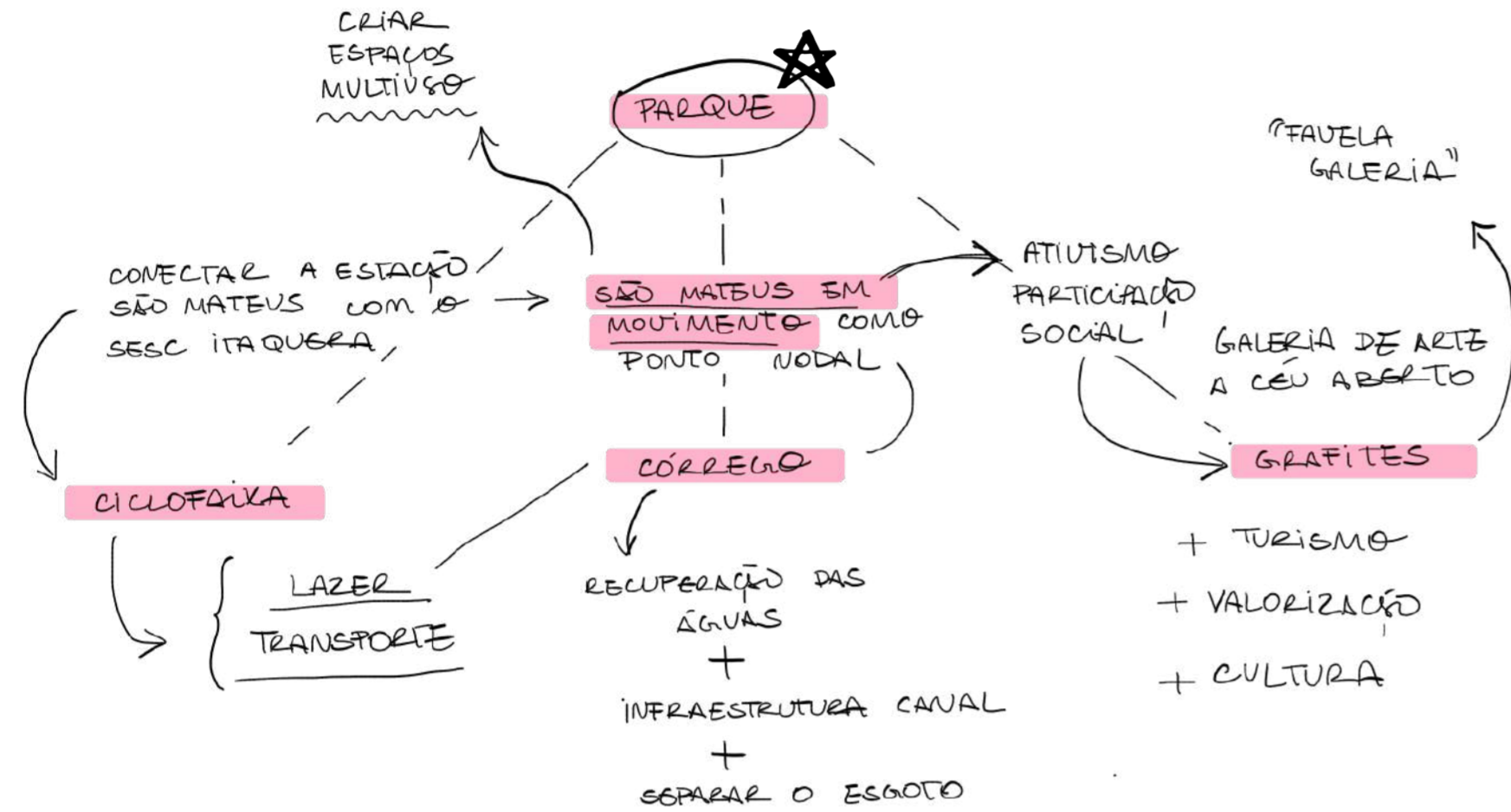
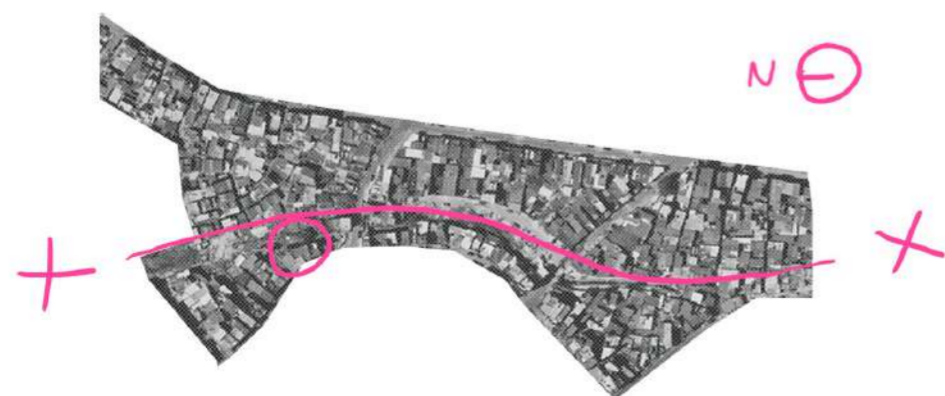


figura x Croquis de estudo elaborados pela autora

O desenho nasce do reconhecimento das camadas já existentes no território, que conformam a paisagem vivida pela comunidade. A presença do **Córrego Cangueirias** torna-se o eixo fundamental do projeto, e o principal gesto consiste na separação das águas limpas da nascente em relação ao esgoto, por meio da instalação de **coletores-tronco**. A **linearidade** do percurso das águas encontra a linearidade da mobilidade cicloviária, compondo um traçado contínuo ao longo do parque.

Esses dois elementos, **o córrego e a ciclofaixa**, em associação com o relevo, os pontos de sociabilidade existentes e os grafites presentes no entorno, passaram a orientar as principais decisões de desenho em termos gerais, mas a singularidade de cada quadra exigiu soluções projetuais variadas, mas que buscam convergir em uma linguagem de projeto definida.



Uma das estratégias gerais adotadas consiste na separação entre as habitações existentes no entorno e o percurso do parque por meio da **diferença de nível**, presente em praticamente toda a extensão da área de intervenção. Ainda que o projeto tenha interesse na promoção de fachadas ativas e na presença de usos comerciais voltados para o espaço público, essa separação sutil por desnível busca garantir uma transição respeitosa entre os domínios público e privado.

Outras diretrizes aplicadas ao longo de todo o parque incluem a criação de **espaços de estar sombreados**, condição rara nas situações atuais do bairro e o uso de **escadarias** não apenas como elementos de circulação, mas como **dispositivos de permanência e encontro**. Diante dos fortes desníveis que caracterizam a topografia local, essas escadarias assumem papel central no projeto: articulam cotas, oferecem pontos de pausa e podem ser apropriadas para múltiplos usos, como pequenas apresentações, descanso ou convivência cotidiana.

figura 63 Esquema síntese: Vila Flávia como referência





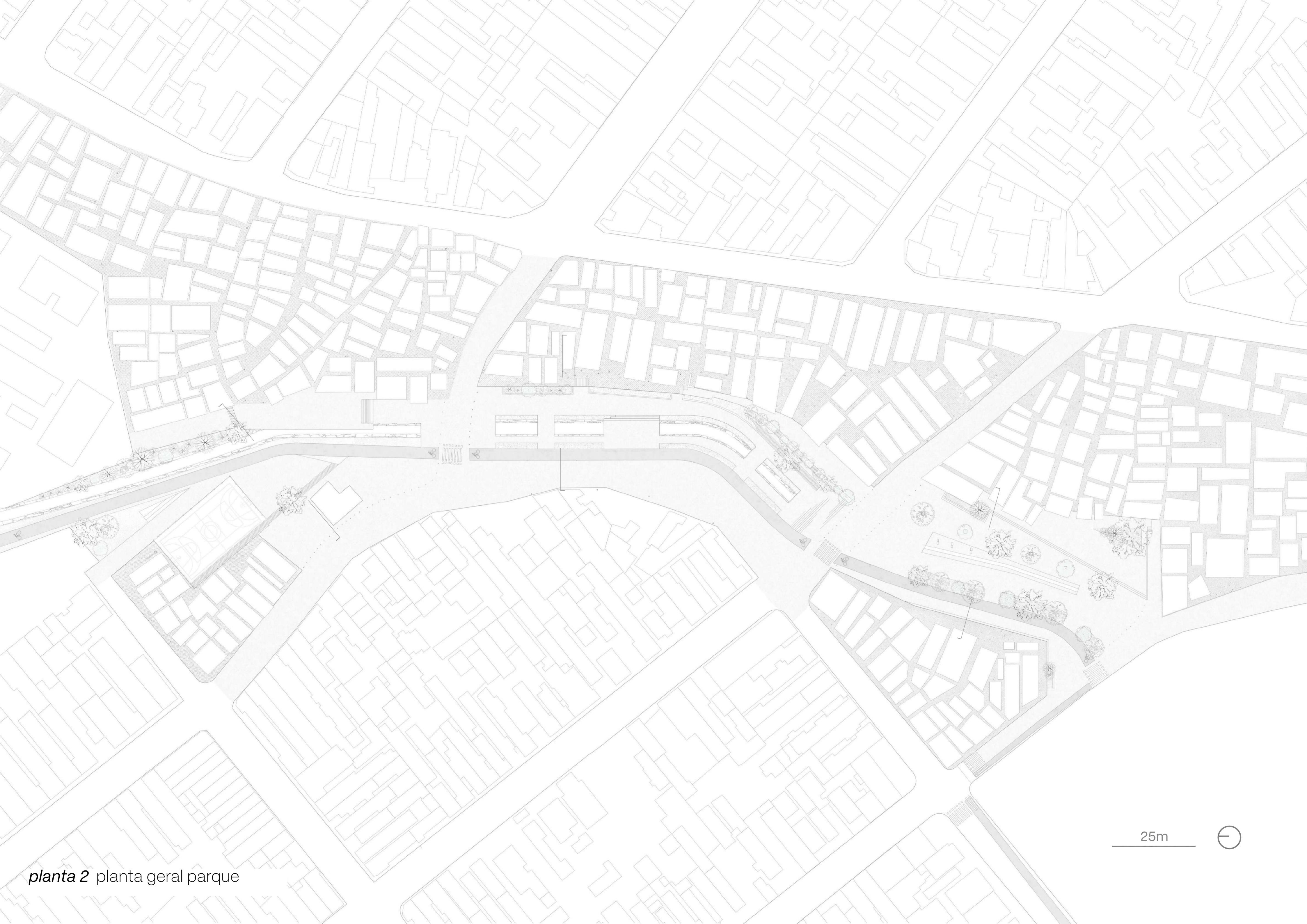
mapa 13 vista satélite vila flávia





planta 1 vila flávia + parque

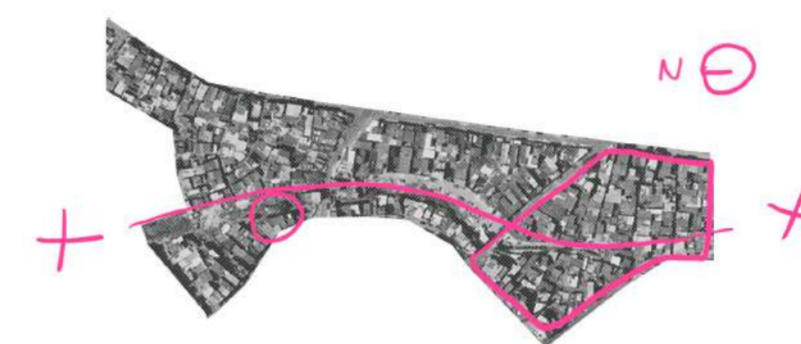
25m 



planta 2 planta geral parque

25m





4.4. QUADRA 1

nascente

A primeira quadra do projeto abriga a nascente do Córrego Canguieiras, elemento central da proposta. A principal diretriz nesta quadra foi reposicionar o córrego como protagonista do espaço público, agora com suas águas limpas e visíveis, permitindo o contato direto e seguro da população com o leito.

O trecho foi projetado de forma a ampliar essa relação com a água, permitindo um leito acessível que mantém a profundidade anterior e, ao final da quadra, a implantação de estruturas de **chuveiros** públicos, que funcionam de maneira integrada à disponibilidade hídrica do córrego.

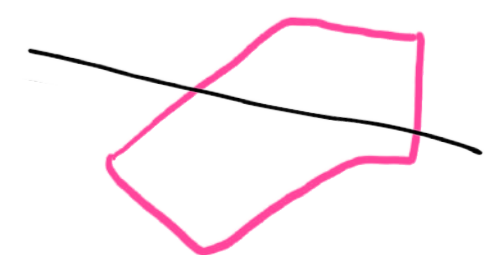
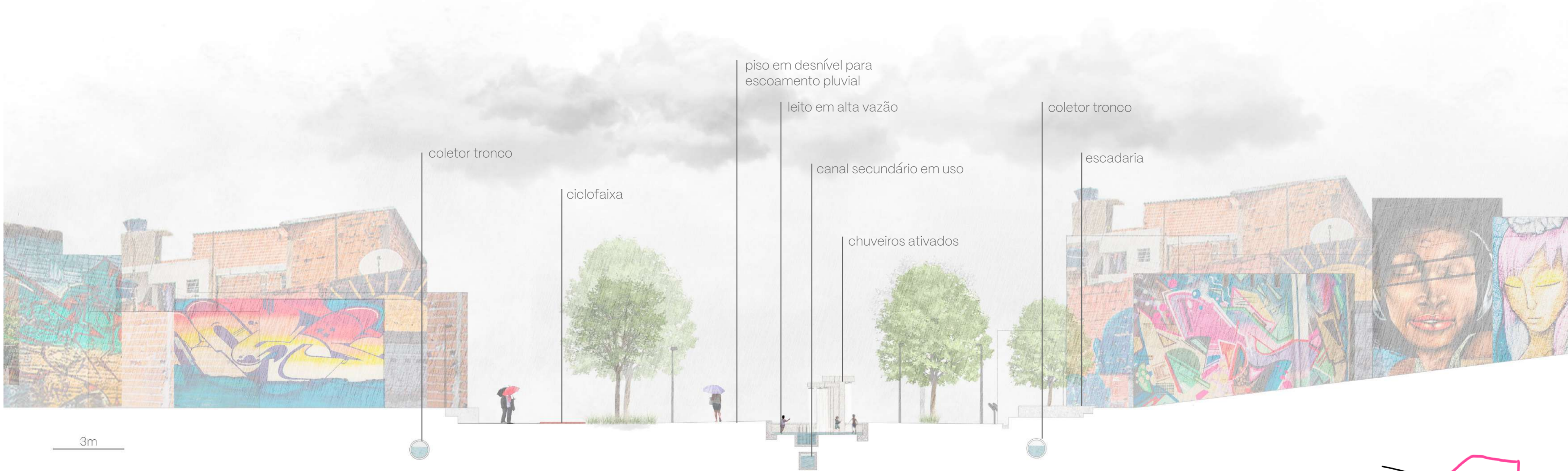
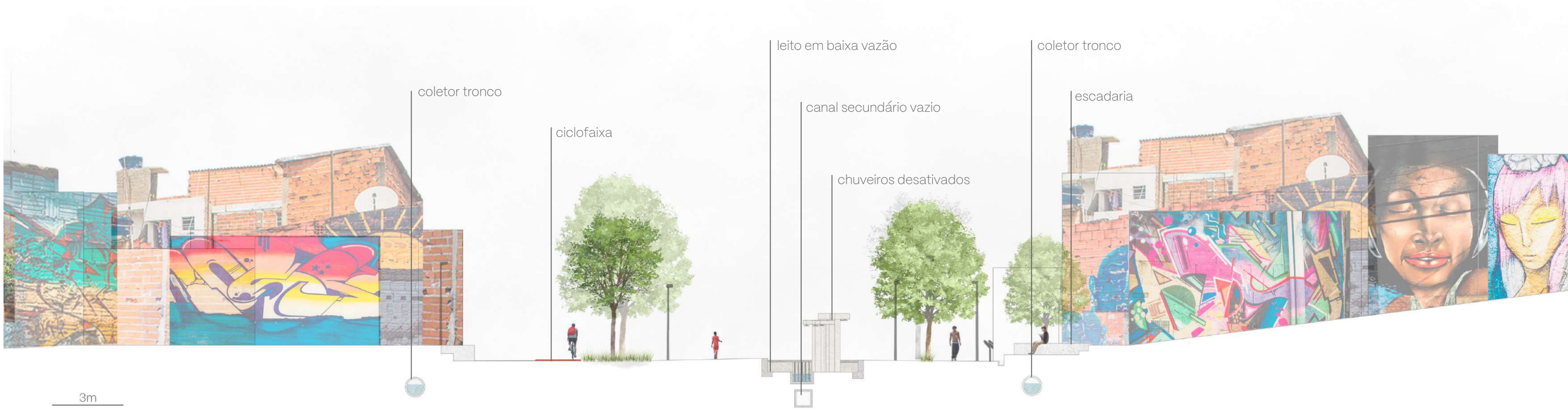
O restante da quadra foi tratado como um grande espaço livre multiuso, delimitado por um platô elevado de geometria triangular, que marca a presença de uma **praça flexível**. Essa praça foi pensada para comportar diferentes atividades, desde eventos e encontros comunitários até práticas informais do dia a dia. Ela se conecta ao percurso principal por meio de uma escadaria, que, além de vencer o desnível, atua como elemento de permanência e contemplação.



Isométrica 1: vista geral quadra 1



cortes 1 e 2 quadra 1 alta vazão x baixa vazão



córrego cangueiras: estrutura do leito*baixa* vazão

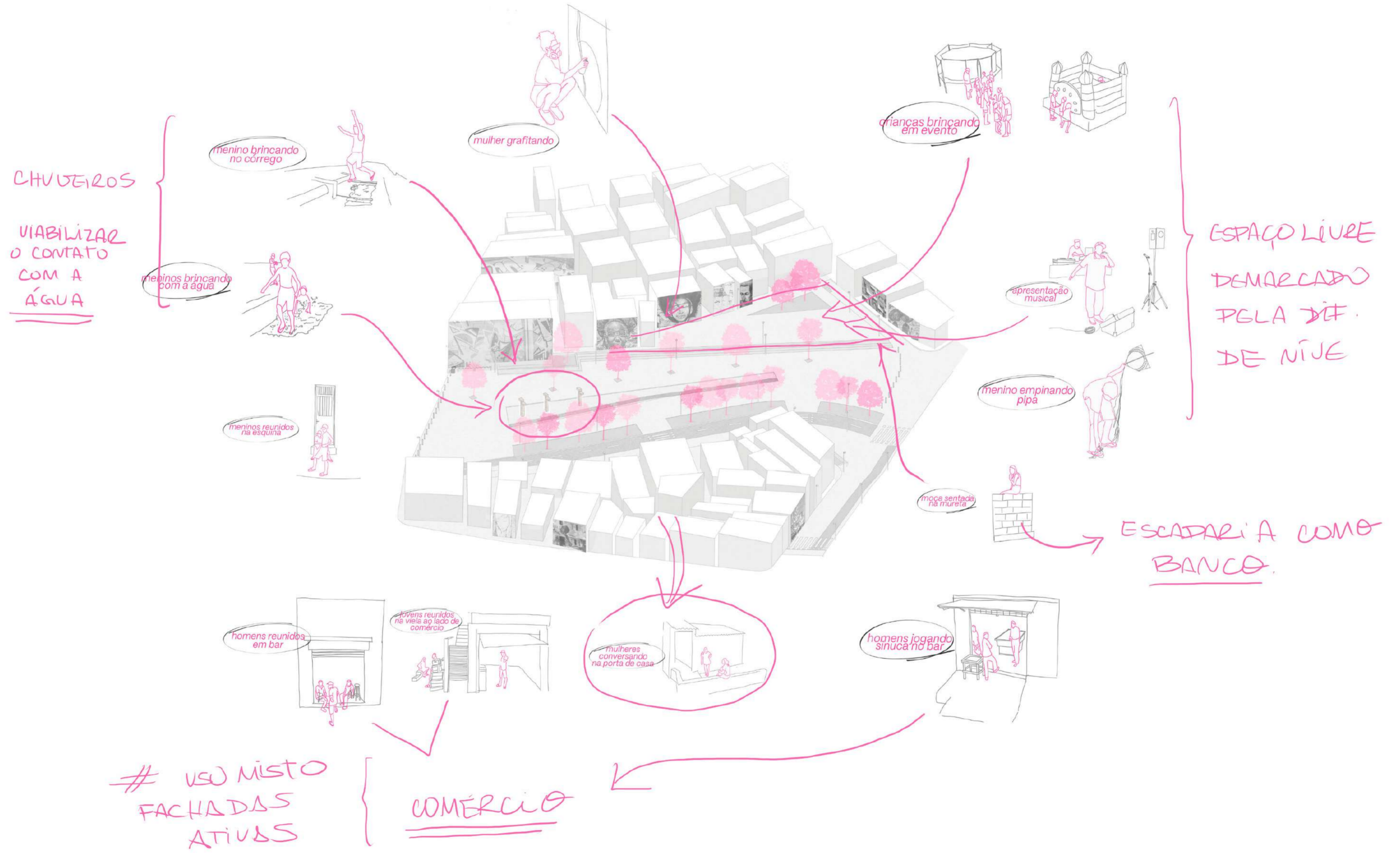
O desenho do leito do córrego nessa quadra foi pensado de forma a permitir a convivência segura da população com a água, ao mesmo tempo em que se responde às variações naturais de vazão ao longo do ano. Em períodos de baixa vazão, o córrego permanece em seu leito principal, escoando normalmente.

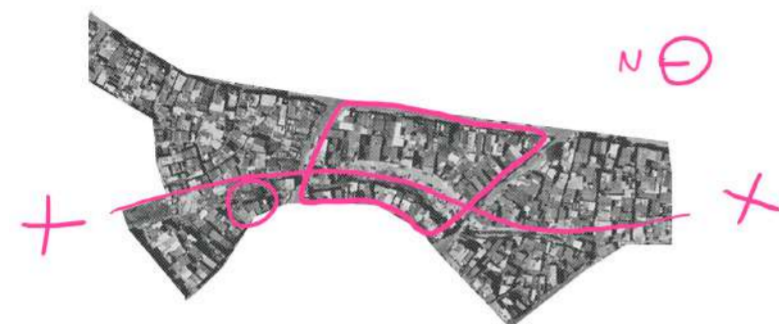
*alta* vazão

Já em momentos de alta vazão, quando o volume de água se eleva, entra em funcionamento um canal secundário de transbordo, que direciona parte da água excedente para manter o nível no leito principal estável e evitar alagamentos.

Além disso, foram instaladas estruturas de chuveiros públicos, cujo funcionamento está diretamente ligado à disponibilidade hídrica. Esses dispositivos são ativados apenas em condições de vazão estável e segura.







4.5. QUADRA 2



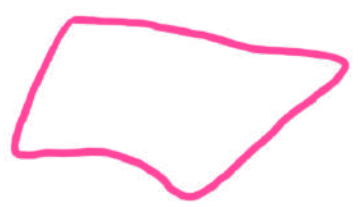
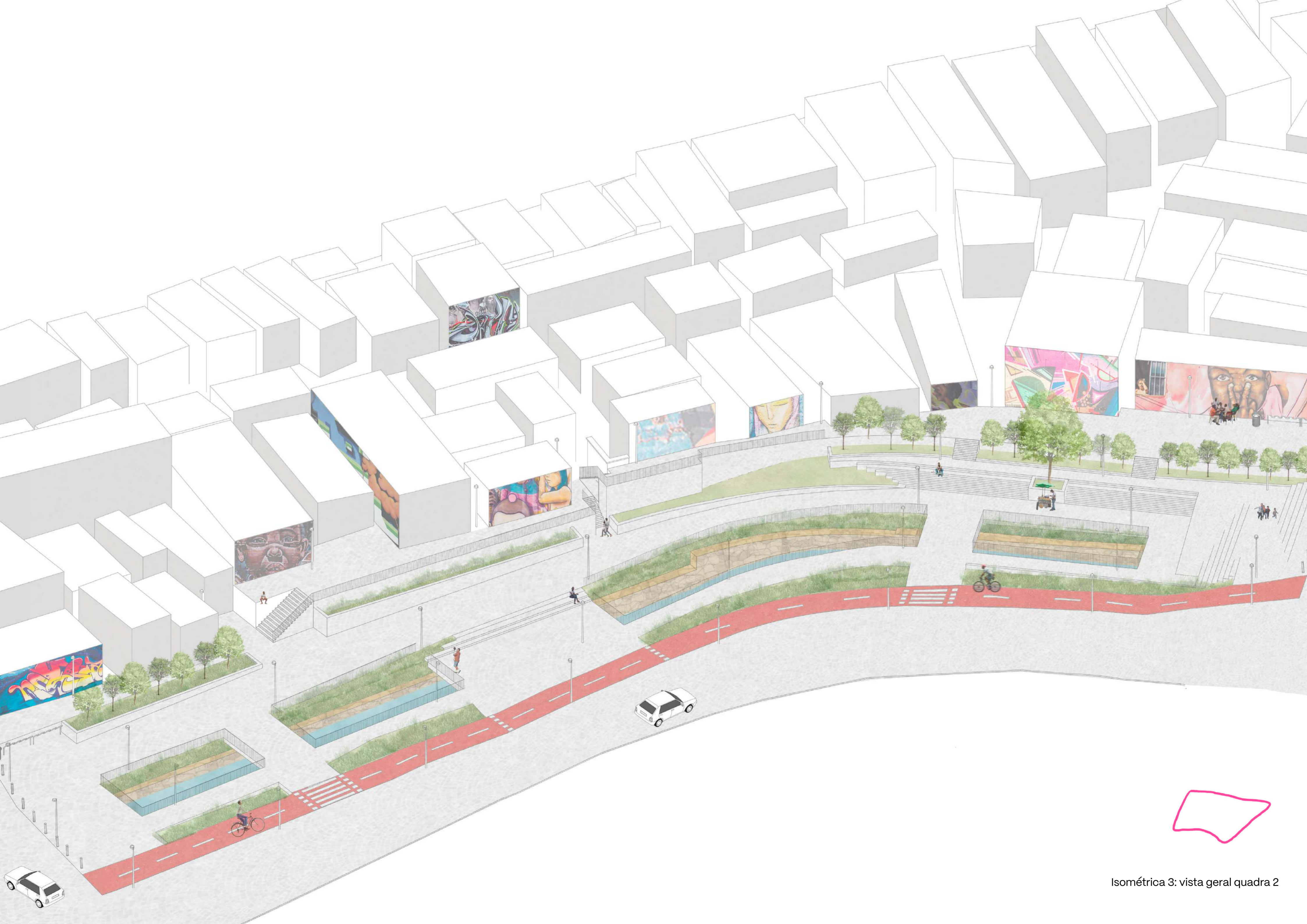
Na segunda quadra, o traçado segue a margem do Córrego Canguieiras e se mantém paralelo à ciclofaixa, perseguindo a ideia de um percurso contínuo que integra mobilidade e contato com a água. Aqui, o desnível em relação ao leito se intensifica, exigindo soluções de contenção e conforto. Para isso, implantou-se um **muro de arrimo** ao longo da margem, que se mantém até o final do projeto, estruturando o terreno e protegendo a faixa ciclável, ao mesmo tempo em que cria apoio para o corpo d'água e resguarda o córrego de possíveis assoreamentos.

O que hoje funciona como grande área livre de uso flexível, palco de eventos comunitários e encontros informais é retomado por uma **grande escadaria** no início da quadra, que se torna uma grande área de convivência. A escadaria atua como elemento gerador de sociabilidade, definindo o limite entre o parque e as propriedades adjacentes, sem romper a continuidade do percurso.

Para garantir a integração entre as margens do córrego, foram previstas **passarelas de travessia**, além de escadas de acesso secundárias em pontos estratégicos para permitir a permeabilidade dos demais lotes ao córrego.

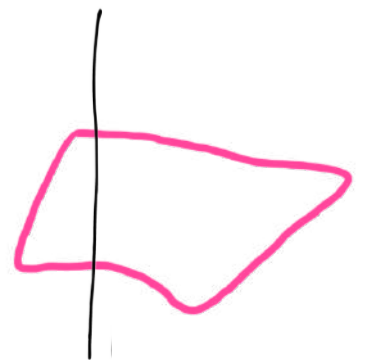


planta 4 quadra 2



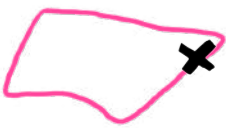
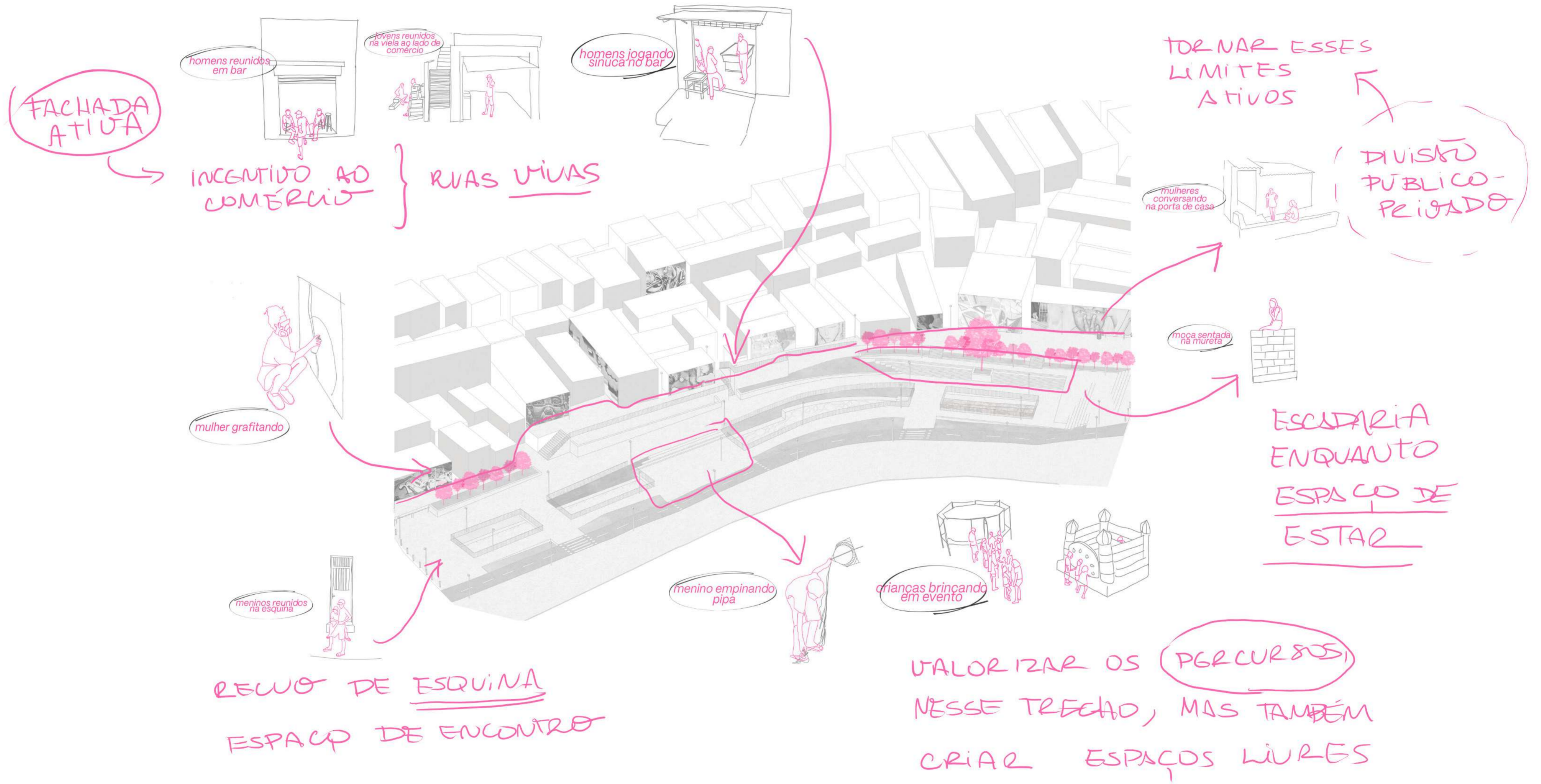
Isométrica 3: vista geral quadra 2

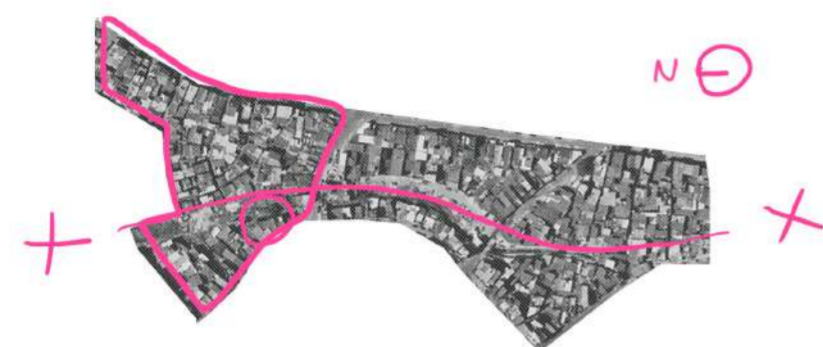












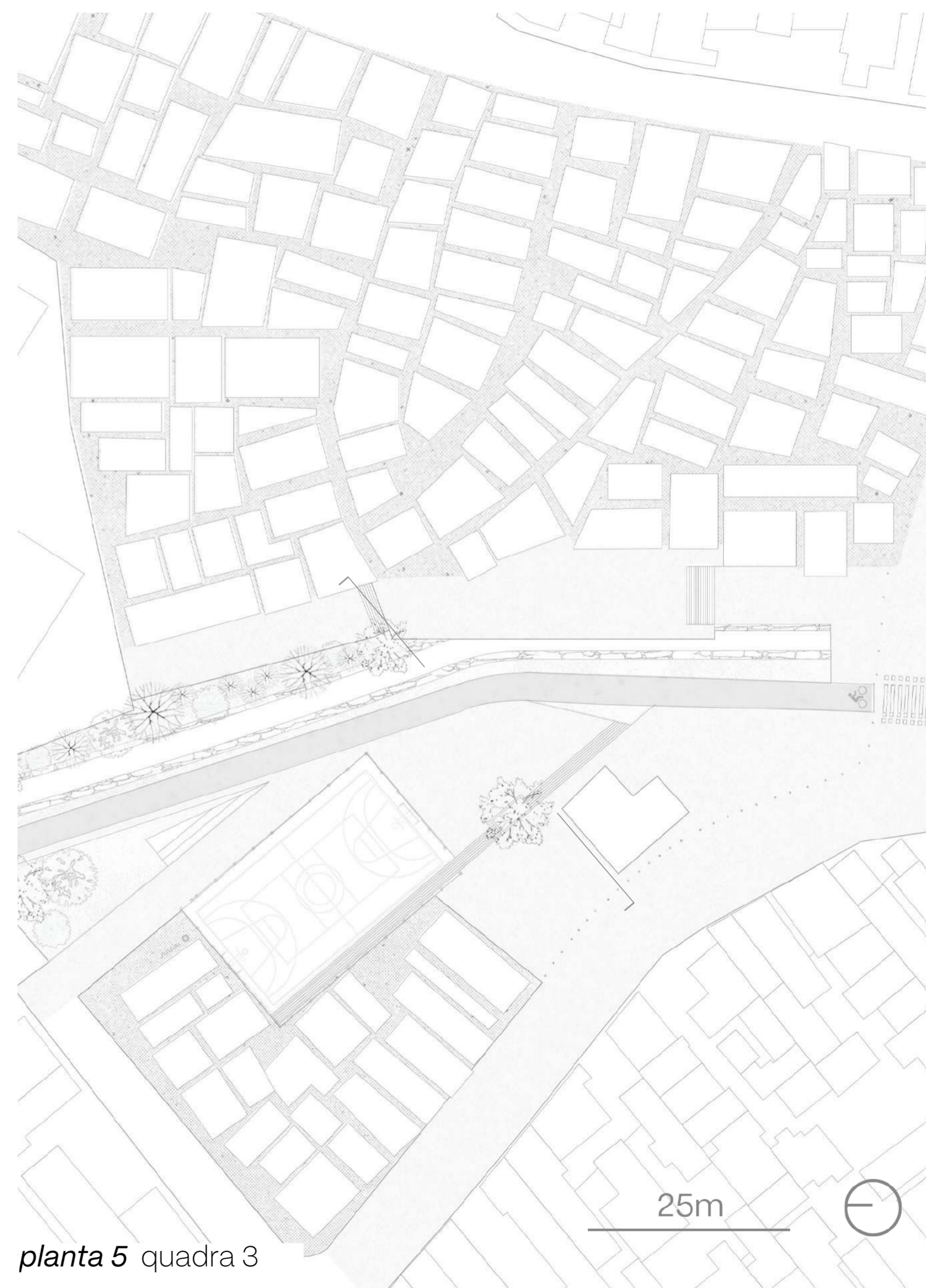
4.6. QUADRA 3

comunidade

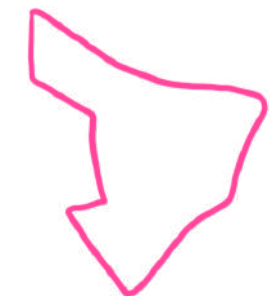
Na terceira quadra, tudo se organiza a partir do **São Mateus em Movimento**, que atua como grande equipamento comunitário e elo de engajamento cultural. As áreas laterais ao complexo foram mantidas livres de construções definitivas, garantindo flexibilidade para futuras ampliações e novas programações da ONG. Essa escolha reforça a ideia de um território em transformação contínua, capaz de se adaptar às demandas sociais que surgirem.

Ao fundo do lote, uma grande área livre funciona como um **"quintal"** público que conecta-se diretamente às atividades do São Mateus em Movimento. Trata-se de um espaço livre multiuso, equipado para receber feiras, oficinas ao ar livre, pequenas apresentações, rodas de conversa, dentro outros. Sua delimitação é marcada por uma escadaria generosa em torno de uma grande árvore, cujos degraus convidam à permanência, criando uma arquibancada natural para os eventos promovidos pela comunidade.

Do outro lado do córrego, aproveitando o forte desnível do terreno, foi implantado um **mirante** que oferece vista sobre a favela e o São Mateus em Movimento. Essa estrutura atua como contraponto visual ao complexo central, proporcionando um ponto de contemplação e reforçando a conexão entre o parque e a paisagem urbana adjacente, marcada pelo grafites. Por fim, uma **quadra poliesportiva** posicionada junto ao "quintal" amplia as possibilidades de uso, promovendo práticas esportivas e de lazer que dialogam diretamente com as demais dinâmicas do parque.

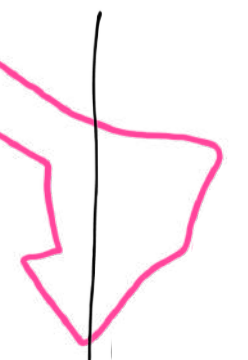
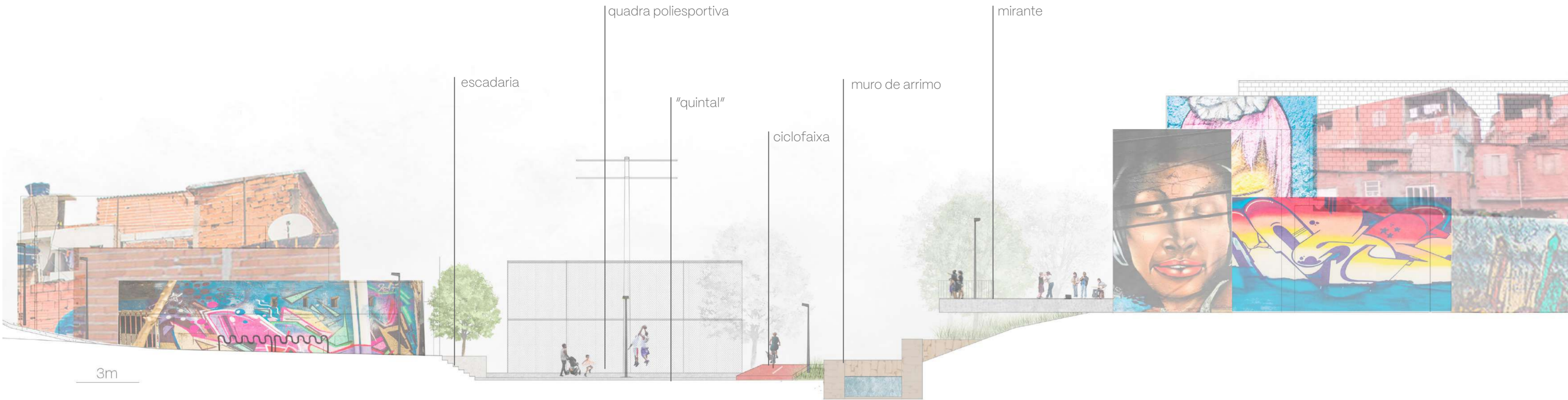


planta 5 quadra 3

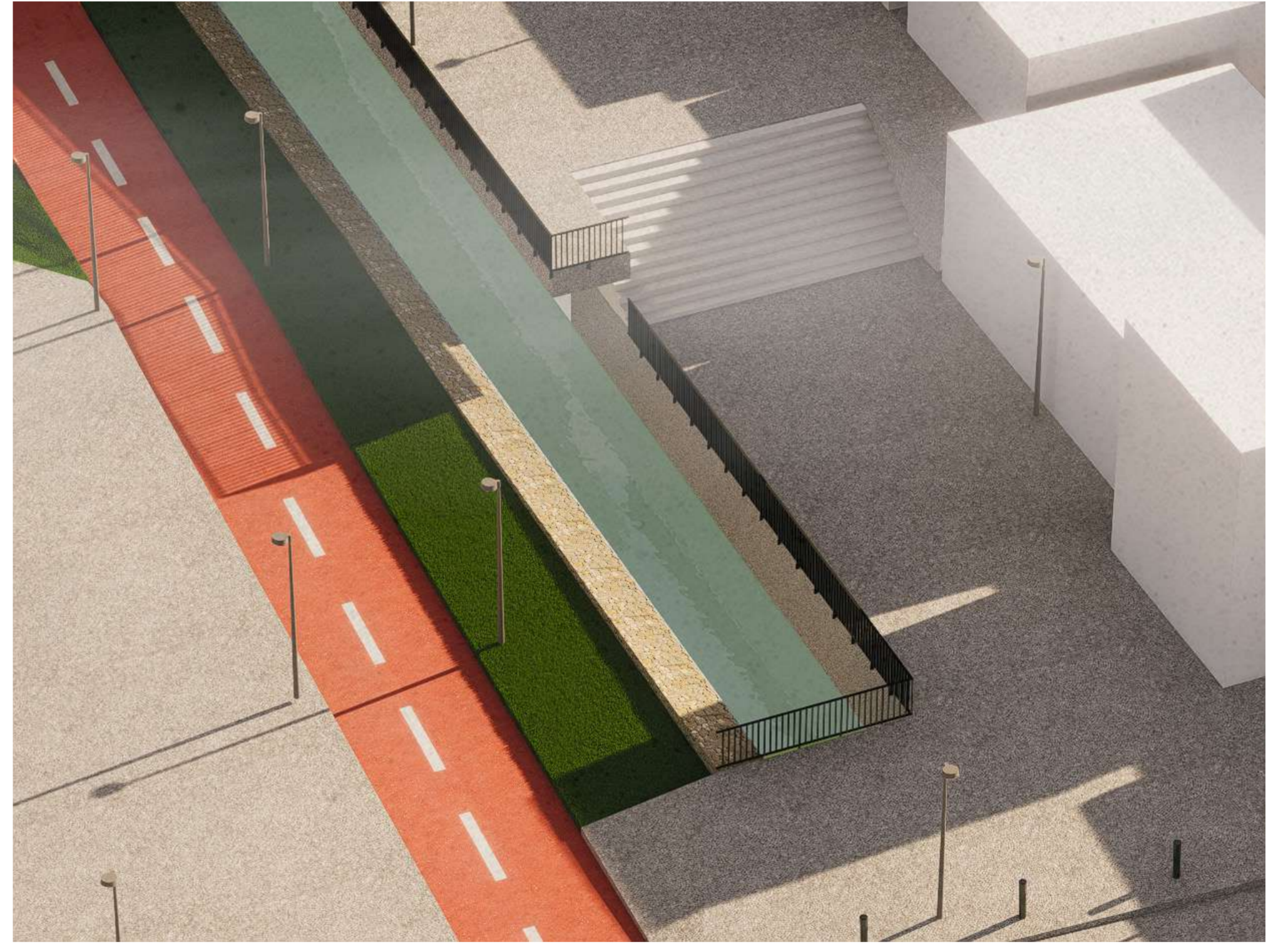


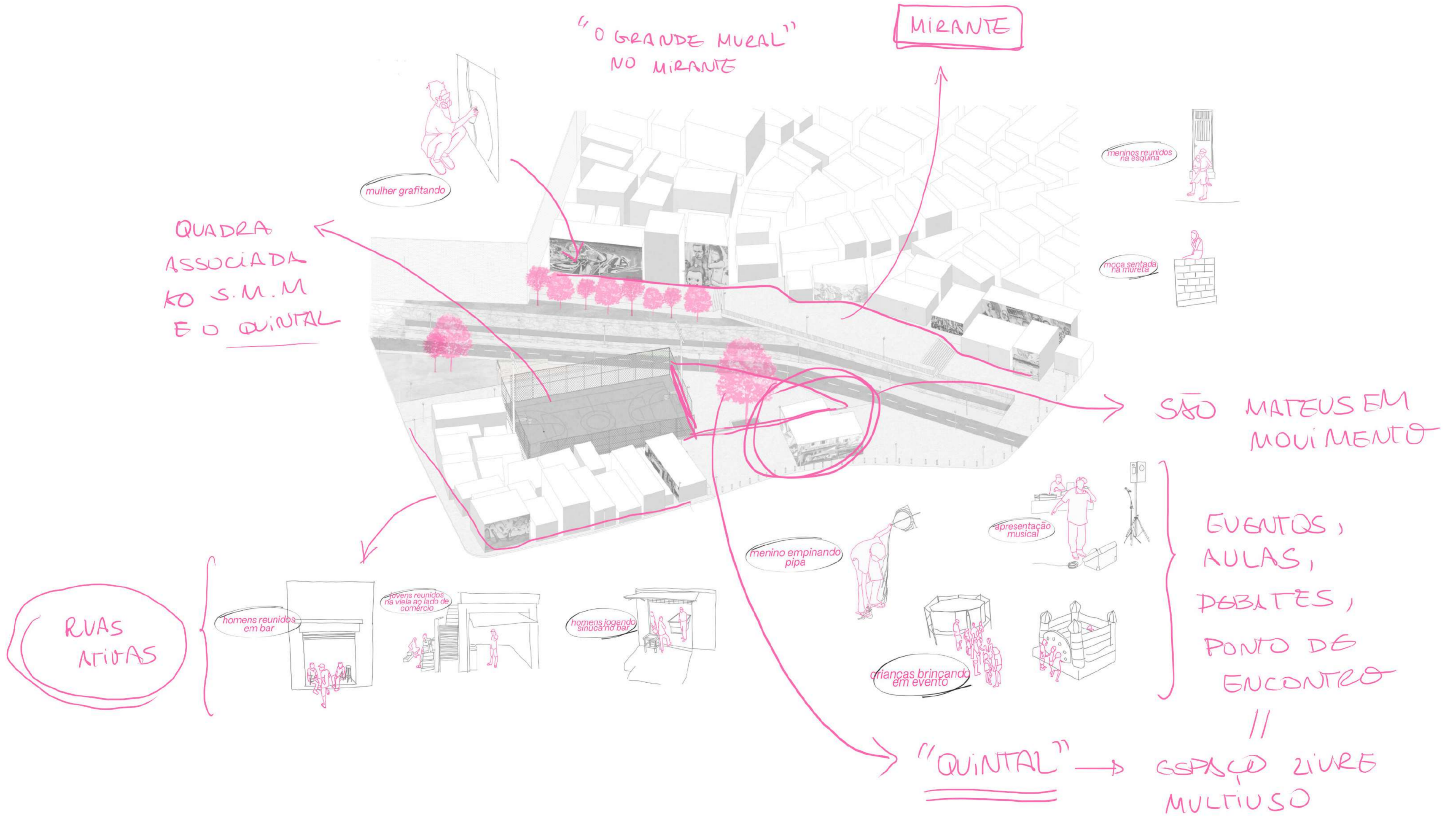
Isométrica 5: vista geral quadra 3









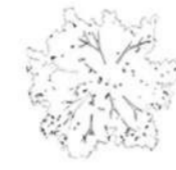


4.7. ASPECTOS GERAIS



1
Pau-ferro
Libidibia ferrea

Grande porte



2
Oiti
Licania tomentosa

Grande porte



10
Strelitzia
Strelitzia reginae

Ornamental



11
Costela-de-adão
Monstera deliciosa

Ornamental



3
Sibipiruna
Poincianella pluviosa

Médio porte com
destaque florífero



4
Ipê-amarelo
Handroanthus albus

Grande/médio porte com
destaque florífero



12
Guiambe-ondulado
Alocasia macrorrhizos

Ornamental



13
Jibóia
Epipremnum pinnatum

Trepadeira



5
Jacarandá
Jacaranda mimosifolia

Médio porte com
destaque florífero



6
Quaresmeira
Tibouchina granulosa

Médio porte com
destaque florífero



14
Íris-amarelo
Neomarica longifolia

Ornamental com floração



15
Lambari-roxo
Tradescantia zebrina

Forração



7
Mangueira
Mangifera indica

Grande/médio porte
Frutífera



8 e 9
Pitangueira e
Jabuticabeira
Eugenia uniflora e
Plinia cauliflora

Pequeno porte, frutíferas



16
Espada-de-são-jorge
Dracaena trifasciata

Forração

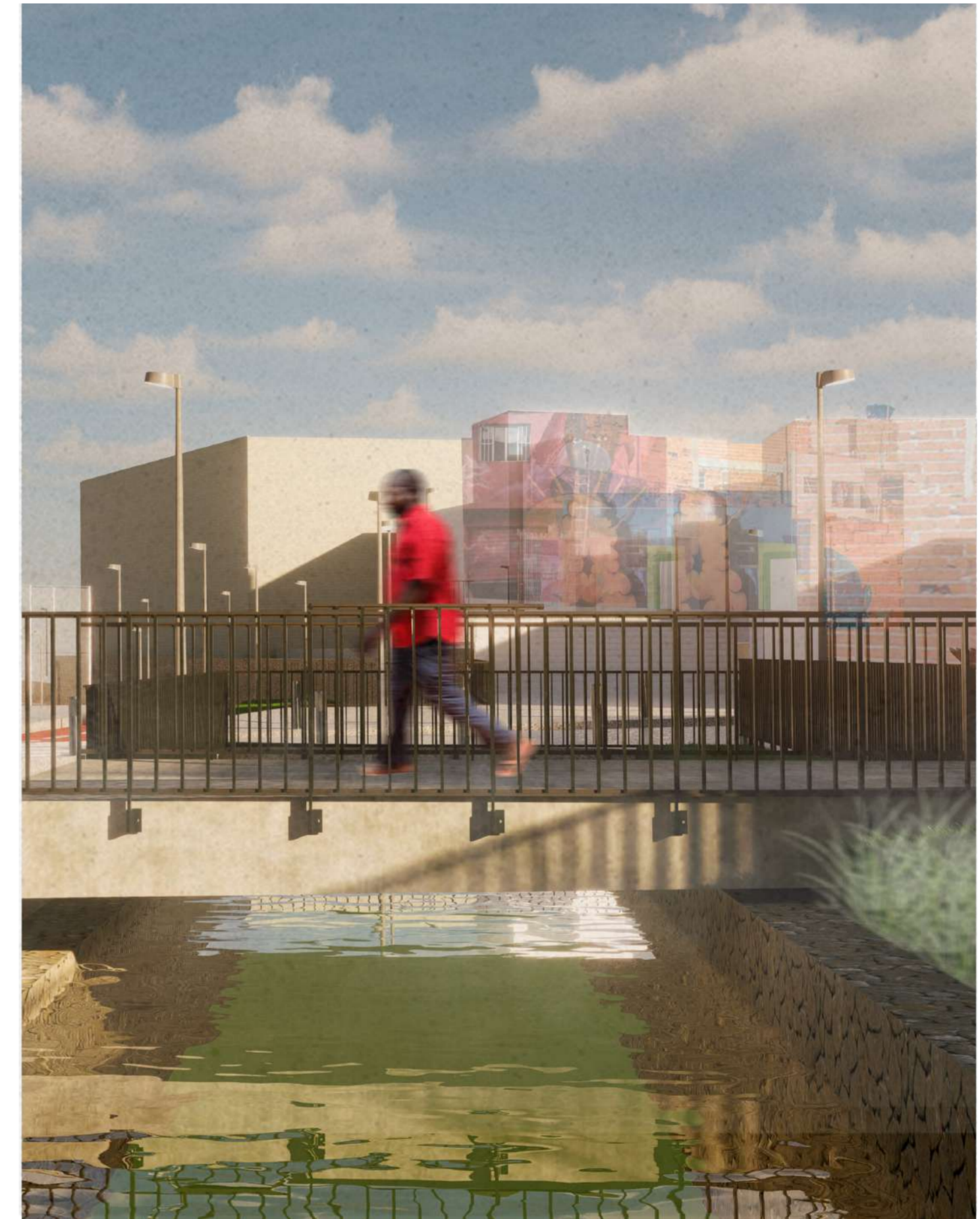
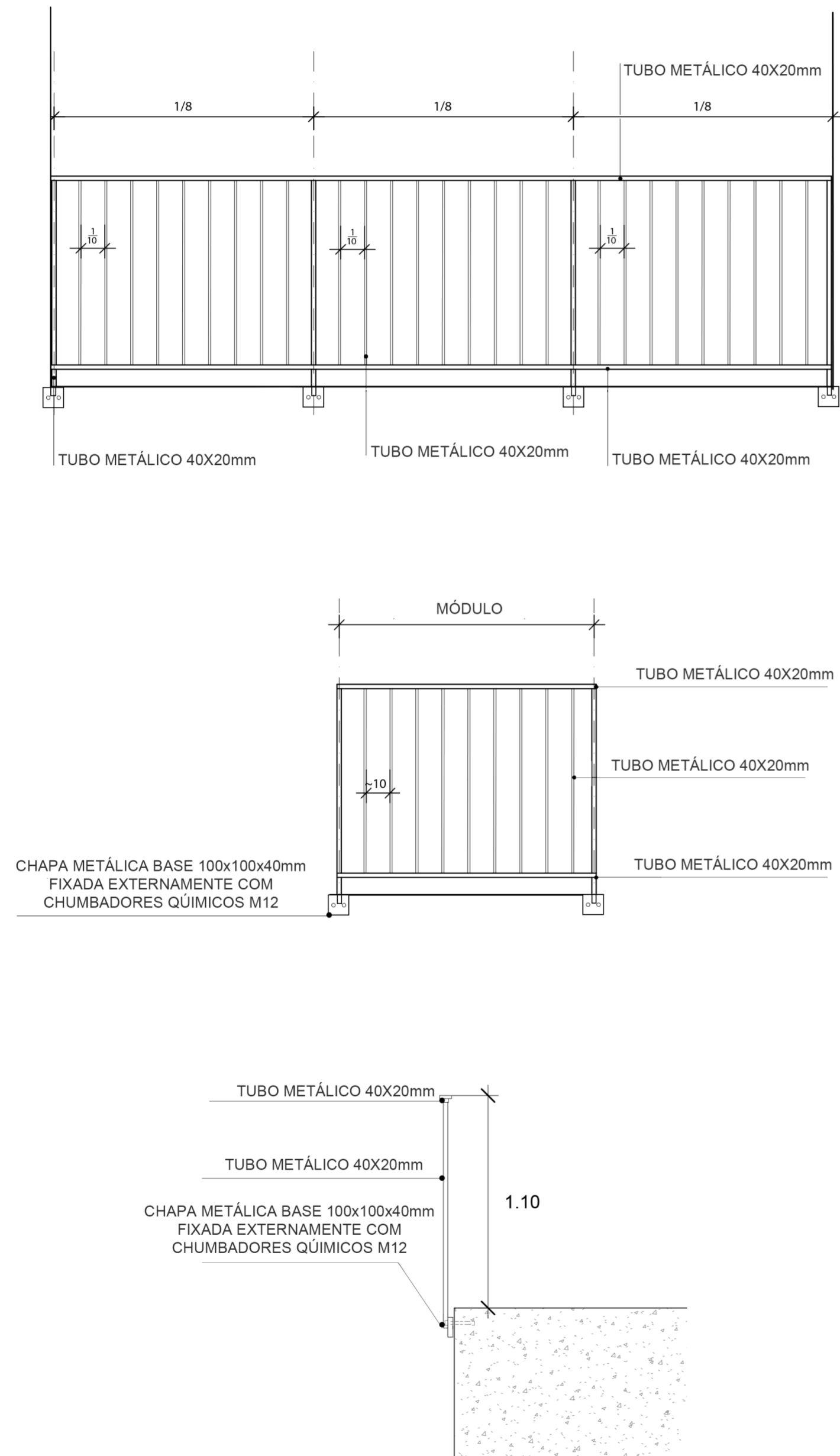


17
Barba-de-serpente
Liriope muscari

Forração

DETALHAMENTO GUARDA-CORPO

1:25



perspectiva guarda-corpo em passarela

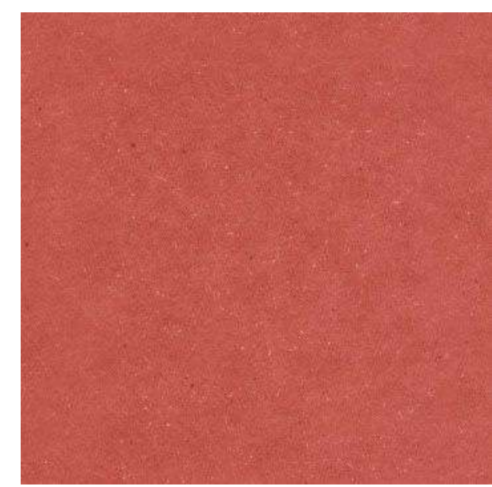
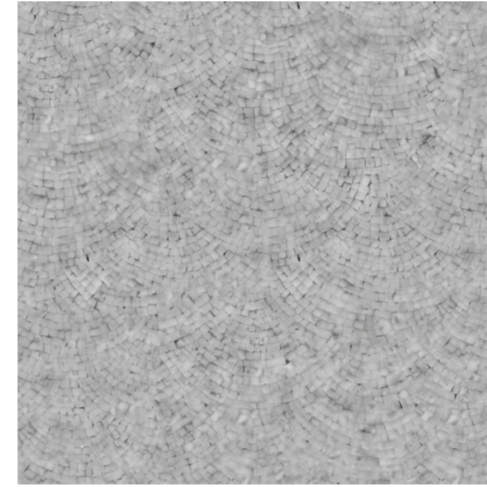
Lixeira "Jardim"
Vita Urbana, Metalco (design Pio & Tito Tosó)



Bicicletário "wave"
PV-0070-01 (Suzhou Pioneer)

Poste Urbano
PU-Curvo 400 (UrbanoMób)

Balizador Urbano
BT-100 (UrbanoMób)



4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. Cultura de periferia na periferia. *Le Monde Diplomatique Brasil*, v 49. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/cultura-de-periferia-na-periferia/>. Acesso em: 19/03/2024.

CONRADO, L. F. Design, Cultura e Turismo na Periferia: Coletivo São Mateus em Movimento. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 97, 2021.

Favela Galeria da Vila Flávia em São Mateus. Sesc São Paulo, São Paulo, 30 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/favela-galeria-da-vila-flavia-em-sao-mateus/>. Acesso em: 18/03/2024.

G1. Estudo da USP diz que classificação centro e periferia é ultrapassada e identifica 8 novos padrões urbanísticos em SP. G1 São Paulo, 18 dez. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/12/18/estudo-da-usp-diz-que-classificacao-centro-e-periferia-e-ultrapassada-e-identifica-8-novos-padroes-urbanisticos-em-sp.ghtml>. Acesso em: 07/06/2024.

Imagem. Opni - Favela Galeria. YouTube, 27 de março de 2022. 7min48s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LQlh4OeDUsw>. Acesso em: 19/03/2024.

JORNAL DA USP. Periferias são regiões da cidade onde as políticas públicas chegam em tempos diferentes. *Jornal da USP*, 01/07/2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/periferias-sao-regioes-da-cidade-onde-as-politicas-publicas-chegam-em-tempos-diferentes/>. Acesso em: 15/05/2024.

LOPES, F. e VILHENA, E. Articulações territoriais engajam moradores na luta pelo saneamento básico. *Desenrola e Não Me Enrola*, São Paulo, 19 de agosto de 2020. Disponível em: <https://desenrolaenaomenrola.com.br/panorama/articulacoes-territoriais-engaja-moradores-na-luta-pelo-saneamento-basico/>. Acesso em: 19/03/2024.

Memórias de Resistência: as trajetórias dos coletivos, grupos e movimentos culturais na Zona Leste. Sesc São Paulo, São Paulo, 2 de mar. de 2021. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/memorias-de-resistencia-as-trajetorias-dos-coletivos-grupos-e-movimentos-culturais-na-zona-leste/>. Acesso em: 18/03/2024.

Oliveira, M. A vida nas periferias: um estudo sociológico. *Revista Brasileira de Sociologia*, 25(2), 45-60. Disponível em: <https://www.revbrasociologia.com.br/artigo123>. Acesso em: 19/06/2024.

SÃO MATEUS EM MOVIMENTO. [Re]memorar: trajetórias na Zona Leste. Youtube, 26 de março de 2021. 13min12s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gA5kzEDTpSI>. Acesso em: 11/03/2024.

SESC ITAQUERA e CPDOC Guaianás. São Mateus em Movimento - [Re]memorar: trajetórias na Zona Leste. Youtube, 26 de março de 2021. 13min12s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gA5kzEDTpSI>. Acesso em: 11/03/2024.

SOUSA, A. J. Cotidiano e Lutas Sociais na Periferia de São Paulo: Agentes Históricos da Urbanização de São Mateus. Tese (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 301, 2021.

TERRA. A trajetória de Neguinho Rima e a transformação da favela Vila Flávia. 20 julho de 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vi-sao-do-corre/pega-a-visao/a-trajetoria-de-negotinho-rima-e-a-transformacao-da-favela-vila-flavia,06121f8024e738a-37f4059416ceee604vjb7ps3.html>. Acesso em: 02/05/2024.

VAZ, Sérgio. Manifesto da Antropofagia Periférica. São Paulo: Boitempo, 2003. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/manifesto-da-antropofagia-periferica-713>. Acesso em: 20/03/2024.



instituto de arquitetura e urbanismo
universidade de são paulo
2025